

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

DAVI BERTHOLDO SANTOS

**“Morte aos adoradores de máquinas”:
ascensão e queda do homem na obra de Ivan Carlos Regina**

São Paulo

2024

DAVI BERTHOLDO SANTOS

**“Morte aos adoradores de máquinas”:
ascensão e queda do homem na obra de Ivan Carlos Regina**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em
Comunicação Social – Habilitação em Editoração,
apresentado ao Departamento de Jornalismo e
Editoração (CJE).

Orientação: Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Davi Bertholdo
"Morte aos adoradores de máquinas": ascensão e queda
do homem na obra de Ivan Carlos Regina / Davi Bertholdo
Santos; orientador, Jean Pierre Chauvin. - São Paulo,
2024.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Ficção científica. 2. Comunicação. 3. Relações
sociais. I. Chauvin, Jean Pierre. II. Título.

CDD 21.ed. -

070.5

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: SANTOS, Davi Bertholdo.

Título: “Morte aos adoradores de máquinas”: Ascensão e queda do homem na obra de Ivan Carlos Regina.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca:

Nome:

Instituição:

Julgamento:

Nome:

Instituição:

Julgamento:

Nome:

Instituição:

Julgamento:

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por incentivar minhas leituras desde muito cedo.

Ao meu padrasto, por todo o apoio nos últimos anos.

À minha amiga Nayra, por me ouvir quando eu precisava falar sobre a pesquisa, e à minha amiga Carol, por fazer o mesmo quando eu precisava falar sobre qualquer outra coisa.

Ao meu orientador Jean Pierre Chauvin, pelos conselhos e direcionamentos, sem os quais eu jamais teria concretizado minhas ideias.

A toda a turma do ano de 2020 do curso de Editoração, bem como aos nossos veteranos e professores, por terem me acompanhado nessa jornada acadêmica.

*O homem prova, todo dia, que não é merecedor da tecnologia.
Queremos despertar o iconoclasta que jaz em todo peito brasileiro.
Morte aos adoradores de máquinas.*

Ivan Carlos Regina

RESUMO

A ficção-científica destaca-se entre os demais gêneros literários por sua popularidade, especulações futurísticas e variedade de cenários e pontos de vista. Sua história no Brasil, no entanto, é mais comumente estudada a partir de uma divisão de correntes de escrita consecutivas, as assim chamadas “ondas”. Esta dissertação visa analisar a produção literária de Ivan Carlos Regina, um dos mais importantes escritores da “Segunda Onda”. A partir de uma contextualização do panorama geral que o antecede, baseada em grandes estudiosos do gênero, como Causo, Ginway, Dunbar e Branco, entre outros, assim como da análise de contos selecionados, fundamentada em um repertório teórico de grandes nomes da área da comunicação, como Lefebvre, Marcuse, Eco e Baudrillard, busca-se identificar e discutir a predominância, na obra de Regina, de temas relacionados ao conceito de alienação das relações sociais.

Palavras chave: Ficção científica, relações sociais, alienação, consumo, comunicação.

ABSTRACT

Science fiction stands out among the other literary genres for its popularity, speculations of the future and variety of scenarios and points of view. Its history in Brazil, however, is more commonly studied through a framework of consecutive writing currents, these so-called “waves”. This dissertation aims to analyze the literary production of Ivan Carlos Regina, one of the most important writers of the “Second Wave”. Through a contextualization of the general panorama that precedes it, based on great scholars of the genre, such as Causo, Ginway, Dunbar and Branco, among others, as well as an analysis of selected short stories, based on a theoretical repertoire of great names in the field of communication science, like Lefebvre, Marcuse, Eco and Baudrillard, it seeks to identify and discuss the predominance, in Regina’s work, of themes related to the concept of alienation in social relations.

Keywords: Science fiction, social relations, alienation, consumption, communication.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DOS GRANDES PIONEIROS ÀS PÁGINAS DE FANZINES	11
2.1 Ivan Carlos Regina e sua escrita antropofágica	14
3 ANÁLISE DE CONTOS DE IVAN CARLOS REGINA	19
3.1 Pré-manifesto	19
3.2 <i>O fruto maduro da civilização</i>	27
3.3 <i>O éter inconsútil</i>	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de minha jornada pessoal como leitor de ficção, sempre fui fascinado pelas obras com inspiração científica. A ideia de futuros digitais, aventuras espaciais e viagens no tempo era sedutora demais para escapar a um garoto do interior, crescido em um povoado tão pequeno que até mesmo o sinal de telefone só se tornou uma realidade doméstica durante a última década. Até hoje esses cenários ainda me cativam.

Nos últimos tempos, no entanto, uma outra forma de ficção científica tem ocupado meus pensamentos de forma mais frequente. Uma ficção científica que se interessa menos em super-tecnologias e mais em indivíduos, em sociedades, em culturas, na forma como um povo cria ferramentas para seu próprio uso e, no processo de usá-las, também se molda a elas. Acredito que a escritora Ursula K. Le Guin¹ (2005, n.p., tradução minha) tenha sido quem melhor definiu este interesse literário:

Nós ficamos tão dessensibilizados por proezas técnicas em constante expansão que acreditamos que nada menos complexo e pomposo que um computador ou avião bombardeiro merece ser chamado de “tecnologia”. Como se a palha do linho fosse a mesma coisa que o tecido — como se papel, tinta, rodas, facas, relógios, cadeiras, aspirinas, fossem objetos naturais, nascidos conosco como nossos dentes e dedos — como se as panelas de aço com fundo de cobre, ou os coletes de lã fiada a partir de vidro reciclado tivessem crescido em árvores, e nós apenas os tivéssemos colhido quando maduros...

Quando me voltei à minha própria cultura em busca de um centro focal para meu trabalho de conclusão de curso, encontrei na obra do escritor Ivan Carlos Regina uma dedicação social e cultural tamanha que tive certeza do meu ponto de partida.

Os capítulos seguintes desta monografia dedicam-se então à examinação das histórias deste autor a partir do campo da comunicação:

O primeiro capítulo é composto de uma breve visão histórica da ficção científica nacional anterior a Regina, assim como do contexto no qual ele começou a escrever.

O segundo capítulo analisa oito contos selecionados do autor: os dois anteriores à publicação de seu “Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira”, importante marco do gênero no período; três dos reunidos em sua primeira antologia pessoal, publicada em 1993; e três dos publicados em sua antologia mais recente, de 2019.

¹ LE GUIN, U. K. **A rant about “technology”**. [S. l.], 2005. Disponível em: <https://www.ursulaklequin.com/a-rant-about-technology>. Acesso em 2 jun. 2024.

Por fim, o terceiro capítulo busca conectar tematicamente as histórias, de forma a destacar os mais notáveis eixos temáticos em comum, bem como identificar a mudança de sua abordagem ao longo do tempo e uma possível permanência de sua relevância crítica e cultural.

2 DOS GRANDES PIONEIROS ÀS PÁGINAS DE FANZINES

A fim de compreender as ideias base do trabalho de um escritor específico, em um momento particular da literatura de ficção científica brasileira, é necessário, primeiramente, entender o contexto deste gênero literário no país. A partir da noção de como seu princípio foi, em seu próprio tempo, influenciado por tendências sociais, outras produções culturais, desenvolvimentos tecnológicos e descobertas científicas, poderemos esclarecer como fatores semelhantes direcionaram, eventualmente, a produção da obra base deste trabalho.

O começo da publicação nacional de proficção científica — obras anteriores à definição do gênero, que, sem pertencer a ele, antecipariam suas temáticas, topos e conceitos — só foi ocorrer no período que o escritor e editor Roberto de Sousa Causo (2013, p. 160) chama de “pioneiro”, em meados do século XIX. Nas páginas do jornal mineiro *O Jequitinhonha*, Joaquim Felício dos Santos publicou os primeiros “romances científicos” nacionais: *A História do Brasil, escrita pelo Dr. Jeremias no ano de 2862* (1862) e *Páginas da História do Brasil, escrita no ano de 2000* (1868-1873). Antes dele, apenas Joaquim Manuel Macedo, em seu conto fantástico “O Fim do Mundo” (1857), havia desenvolvido, no Brasil, conceitos de fantasia explorados através de um olhar das ciências.

As décadas seguintes, comparativamente, trariam uma abundância de histórias nessa linha. Entre elas, destacam-se: “O Imortal” (1882), de Machado de Assis; *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar; *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas; *Esfinge* (1906) e *A Sombra* (1927), de Coelho Neto; *A Amazônia Misteriosa* (1925), de Gastão Cruls; e *A República 3000* (1930), de Menotti del Picchia, além de múltiplas obras de Jerônimo Monteiro², considerado pela comunidade literária de sua época o “pai da ficção científica brasileira” (ARAUJO; BRANCHE; OLIVEIRA, 2022).

A popularização do movimento eugenista no Brasil nesse período ainda seria refletida na literatura, através das obras do Ciclo de Panfletos Eugenistas, como as infames *O Presidente Negro* (1926), de Monteiro Lobato; *Sua Excia. a Presidente da República no ano de 2500* (1929), de Adalzira Bittencourt; e diversos contos de Berilo Neves na antologia *A Costela de Adão* (1932) (SMANIOTTO, 2012).

² Como exemplos, temos *O Irmão do Diabo* (1937), *3 Meses no Século 81* (1947), *A Cidade Perdida* (1948), *Fuga para Parte Alguma* (1961), *Os Visitantes do Espaço* (1963) e *Tangentes da Realidade* (1969).

O grande marco da inauguração do gênero nacionalmente, no entanto, só viria em 1958, motivado por inspirações internacionais: o lançamento do primeiro satélite artificial do planeta, o *Sputnik*, pela União Soviética, no ano anterior, capturou a atenção de todos, direcionando a criatividade geral para especulações do futuro baseadas nas ciências. Essa curiosidade científica motivou a publicação de *O Homem que Viu o Disco Voador* (1958), de Rubens Teixeira Scavone (sob o pseudônimo “Senbur T. Enovacs”), além da antologia de histórias estrangeiras *Maravilhas da Ficção Científica* (1958), organizada por Fernando Correia da Silva e Wilma Pupo Nogueira Brito, e prefaciada por um ensaio do crítico Mário da Silva Brito (CAUSO, 2013). O ensaio, com questões sobre o lugar da ficção científica na literatura nacional e universal, repercutiu nos círculos intelectuais e iniciou uma discussão que durou quase duas décadas nas páginas de jornais e revistas do país, envolvendo escritores, editores, jornalistas e pesquisadores como Otto Maria Carpeaux, Muniz Sodré, João Camillo de Oliveira Torre, Alcântara Silveira, Frederico Branco e Willy Lewin, entre outros.

Esse movimento em ascensão, que viria a ser chamado de “a Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira” pelas pesquisadoras estrangeiras Andrea L. Bell e Yolanda Molina-Gavilán (2003, p. 19), foi fortemente apoiado pelas publicações de Gumercindo Rocha Dórea, editor e dono das Edições GRD. Sua editora, até então dedicada a obras de filosofia, integralismo, e temas gerais relacionados ao movimento integralista, do qual fazia parte, passou a publicar em 1960 também títulos de ficção fantástica e catolicismo. Dentro de poucos anos já possuía a mais importante coleção de ficção científica do Brasil, ao ponto do escritor e crítico literário Fausto Cunha (*in*: ALLEN, 1976), batizar o grupo de autores do período de “Geração GRD”, em seu ensaio “Ficção Científica no Brasil: Um Planeta Quase Desabitado”.

Graças a Rocha Dórea foram publicados pela primeira vez no país grandes nomes estrangeiros do gênero, como Chad Oliver, C. S. Lewis, Fredric Brown, James Blish, John Wyndham, H. P. Lovecraft, Yevgeny Zamyatin, Robert A. Heinlein, Ray Bradbury e Walter M. Miller Jr. Do mesmo modo, também publicou vários dos mais importantes títulos nacionais do gênero na época, como *Eles Herdarão a Terra*, de Dinah Silveira de Queiroz, e a *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, a primeira do tipo, com textos de André Carneiro, Antonio Olinto, Clóvis Garcia, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Jerônimo Monteiro, Lúcia Benedetti, Rubens Teixeira Scavone e Zora Seljan; ambos já em 1960.

Causo³ (2006, n.p.), descreve a estratégia das Edições GRD como sendo baseada em

[...] agrupar autores que já tivessem um compromisso com o gênero (Monteiro, Scavone), e convidar figuras literárias estabelecidas (Queiroz, Olinto, etc.) e autores iniciantes no gênero (Carneiro, Cunha, etc.) a escrever FC como experimento.

E seu esforço inegavelmente gerou frutos. Sua marca virou sinônimo de ficção científica no Brasil na segunda metade do século XX, ainda que no novo século tenha perdido seu destaque para editoras maiores.

Considera-se que a Primeira Onda chegou ao fim em 1971, marcada pela publicação de *Fuga para Parte Alguma*, escrito por Jerônimo Monteiro, que havia falecido no ano anterior, e editado por Rocha Dórea. Um final auxiliado pelo Simpósio de Ficção Científica, que aconteceu em 1969 como parte do 2º Festival Internacional do Filme do Rio de Janeiro. O evento contou com a presença de autores estrangeiros renomados, como Arthur C. Clarke, Brian Aldiss, Damon Knight, Harlan Ellison, Harry Harrison, J.G. Ballard, John Brunner, Robert Bloch, Robert Heinlein, e Philip José Farmer, entre outros. Algo que, segundo M. Elizabeth Ginway e Roberto de Sousa Causo (2010), teria levado a maioria das editoras brasileiras a concentrarem suas publicações de FC dos próximos anos em traduções de autores anglo-americanos, em detrimento das produções nacionais.

Também é bastante significativa a repressão dos autores pelo regime militar, especialmente durante os anos de chumbo (1968-1974). A grande maioria dos escritores brasileiros de ficção científica cessou suas publicações neste período, ainda que outros nomes tenham surgido, motivados pela revolta política. Em um artigo sobre a ficção científica na ditadura, Marcello Simão Branco (2013, pp.138-139) explica:

[...] se a chamada Primeira Onda da FCB sofreu uma interrupção os escritos de FC continuaram pelas mãos de autores descompromissados com as tradições do gênero, mas que se exercitaram para criticar a ditadura militar. É pouco provável que estes autores próximos do *mainstream* literário identificassem suas obras como de ficção científica, mas o fato é que elas pertencem ao gênero, dentro do segmento temático das chamadas distopias.

Essas visões de futuros distópicos, populares à época, manifestavam as críticas políticas ao regime, com temas como censura, destruição ambiental,

³ CAUSO, R. de S. A Primeira Onda de Ficção-Científica Brasileira. **Terra Magazine**, 19 ago. 2006, n.p. Artigo eletrônico arquivado em 17 mar. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080317073837/http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1100112-EI6622,00.html>. Acesso em: 3 jun. 2024.

autoritarismo, repressão política, controle sexual, e perda de identidade pessoal e coletiva. Entre as obras produzidas, destacam-se títulos como *O Rosto Perdido* (1970), de Almeida Fischer; *Sombra dos Reis Barbudos* (1972), de José J. Veiga; *Fazenda Modelo* (1974), de Chico Buarque; *Adaptação do Funcionário Ruam* (1975), de Mauro Chaves; *O Fruto do Vosso Ventre* (1976), de Herberto Sales; e *Asilo nas torres* (1979), de Ruth Bueno.

Na década de 1980, a ficção científica nacional foi transformada mais uma vez, mas por um novo fenômeno, o dos *fandoms*, comunidades de fãs que se reúnem para troca de ideias, experiências e produções pessoais a partir do interesse em obras em comum. Dentro desses grupos, a escrita criativa do gênero era cultivada como uma atividade solidária, sendo comuns o compartilhamento de críticas e a intertextualidade entre obras, assim como premiações para os escritos mais populares, primeiro em revistas amadoras enviadas pelo correio e, um pouco mais tarde, após a popularização da internet, via fóruns online. Os fanzines, que já existiam em pequena quantidade antes do começo do regime militar (como o *CoBra*, da Primeira Convenção Brasileira de Ficção Científica, de 1965), retornam nesse período e se multiplicam pelo país, com público amplo graças ao acesso fácil a livros de FC, vendidos em bancas de jornal, na forma de edições baratas de bolso. Leitores dedicados das coleções tradicionais de origem portuguesa (como a *Antecipação*, a *Argonauta*, e a *Europa-América*) ou brasileira (como a *Bruguera*, a *Galáxia* e a *Urânia*) começaram a criar novos clubes, com reuniões presenciais e periódicos próprios.

A Segunda Onda da Ficção Científica Brasileira é considerada como tendo sido iniciada dentro desse contexto, pela publicação de *Padrões de Contato*, de Jorge Luis Calife, que havia começado a escrever nas páginas de fanzines. Mais cedo, naquele mesmo ano, o autor havia se tornado uma figura popular na comunidade por ter sido citado nos agradecimentos do escritor britânico Arthur C. Clarke, pela inspiração para a sequência do livro *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1968). Nos anos seguintes, Calife ainda publicaria *Horizonte de Eventos* (1986) e *Linha Terminal* (1991), fechando sua trilogia e inspirando toda uma geração de amadores a exercitarem e evoluírem suas habilidades de escrita em espaços comunitários.

2.1 Ivan Carlos Regina e sua escrita antropofágica

No dia 15 de dezembro de 1985, Roberto Cesar do Nascimento criou, junto aos sócios fundadores Walter da Silva Machado, Fritz Peter Bendinelli e Ivan Carlos

Regina, o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Esse não foi o primeiro do tipo no país, ou sequer o primeiro do período próximo à Segunda Onda, tendo sido antecedido em 1982 pelo Clube de Ficção Científica Antares (CFCA), de Porto Alegre, e pela Sociedade Astronômica Star Trek (SAST), de São Paulo. Ele foi, no entanto, o ponto central do debate nessa fase do gênero no Brasil.

O fanzine produzido pelo clube, o *Somnium*, assim nomeado em referência ao livro de protoficção científica publicado em 1634 por Johannes Kepler, viria a ser berço de vários dos grandes nomes da literatura de FC da época. Nas palavras do acadêmico, jornalista e sócio nº 83 (desde maio de 1987), Marcello Simão Branco⁴ ([20--], n.p.):

De suas páginas surgiram e/ou se desenvolveram a maior parte dos talentos da Segunda Onda da Ficção Científica Brasileira, seja como escritor, crítico, editor, ilustrador: Braulio Tavares, Gerson Lodi-Ribeiro, Ivan Carlos Regina, Roberto Schima, Roberto de Sousa Causo, Fábio Fernandes, Lúcio Manfredi, Carlos Orsi Martinho, Miguel Carqueija, Jorge Luiz Calife, Gilberto Schoereder, Carlos André Mores, José dos Santos Fernandes, Sylvio Gonçalves, Ataíde Tartari, Cesar Silva, Henrique Flory, Octávio Aragão, Martha Argel, Finisia Fideli, José Carlos Neves, e tantos outros.

As edições, enviadas por correio para sócios espalhados pelo país, se mostraram terra fértil para o desenvolvimento do gênero, oferecendo espaço para divulgação de trabalhos, discussões e recebimento de opiniões e críticas. Encontros mensais eram organizados, pela direção, na cidade de São Paulo e, por sócios, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, permitindo conversas mais diretas, além de trocas e vendas de publicações.

Dentre todos os membros, destaca-se a obra do sócio fundador Ivan Carlos Regina, reconhecido por seu estilo, sua utilização de tipos textuais diversos, e pela influência modernista clara em seus trabalhos.

Nascido na cidade de Bauru, em 1953, Regina é um engenheiro eletricista com longa carreira na área de planejamento de transportes. Paralelamente, já escreveu mais de uma dezena de livros sobre temas diversos, de sua área de trabalho a vinhos, poesia e até espiritualidade humana. Sua grande paixão, no entanto, e onde exerceu seu maior impacto cultural, é a ficção científica. Seus primeiros contatos com o gênero

⁴ BRANCO, M. S. *Somnium e a segunda onda da ficção científica brasileira*. In: **Clube de Leitores de Ficção Científica**. São Paulo, [20--], n.p. Página de website arquivada em 9 jul. 2023. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230709052616/https://www.clfc.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

ocorreram ainda jovem, ao herdar do pai uma pequena coleção de obras como *Eu Sou a Lenda* (1958), de Richard Matheson; *A Guerra das Salamandras* (1965), de Karel Capek; e alguns romances de Isaac Asimov e de Kurt Vonnegut, todos da coleção Argonauta, que começou a colecionar. Foi sua procura por novos títulos para a coleção que o levou a conhecer o *fandom* em expansão, e a participar do CLFC, onde começaria a exercitar sua escrita.

Suas primeiras publicações foram veiculadas nas páginas do *Somnium*, e, quando fãs criaram o Prêmio Nova, dos melhores contos de ficção científica nacional, venceu as duas primeiras edições, em 1987 e 1988, com, respectivamente, “Pela Valorização da Vida” e “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo”.

Publicou em 1989, no mesmo fanzine, seu Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira, onde expressou sua visão sobre o que era produzido de FC no país e sobre a necessidade da criação de uma literatura que fosse além da simples reprodução de modelos estrangeiros. Uma literatura que refletisse sobre e representasse a nação e o povo brasileiros, suas particularidades históricas, sociais e culturais, e sua dinâmica em relação aos países de primeiro mundo, como país periférico.

Isso não significa que a intertextualidade para com autores estrangeiros seja um “problema a ser evitado”. Pelo gênero ter raízes anglófonas, tentar evitá-la é uma atividade inútil, talvez até impossível. Desde a Primeira Onda escritores brasileiros já carregavam inspirações de outros países. Em entrevista ao pesquisador David Lincoln Dunbar (1970, p. 23), Dinah Silveira de Queiroz, uma das primeiras autoras nacionais de FC, afirmou que seu pai lia para ela obras de Jules Verne e H. G. Wells na infância. Rachel de Queiroz, outra escritora importante do gênero na época, revelou preferência pelos tipos de produção feitos por Verne e Isaac Asimov (idem, p. 21). Até mesmo o próprio Regina afirma, no prefácio da edição de 2019 de *O Fruto Maduro da Civilização*, que os autores que mais lhe influenciaram são Robert Sheckley e Stanley G. Weinbaum. Muito pelo contrário, o Manifesto de Regina, continuando a tradição do *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, advoga pelo canibalismo cultural, pela deglutição de influências, bases, tradições e clichês estrangeiros para aproveitamento de elementos úteis e produção de criações verdadeiramente nacionais.

O texto de Regina, dialogando com o de Andrade, utiliza da mesma relação de interesse e sarcasmo para com a literatura estrangeira, porém tratando apenas de um

setor específico da produção cultural nacional, ao invés da cultura como um todo. Ao focar nas produções literárias pertencentes ao gênero da ficção científica, o poema de 1989 expande a ideia do Brasil ser culturalmente uma colônia, através da exploração das formas como a tecnologia afeta essa dinâmica, promovendo e facilitando a dominação e oferecendo um verniz de racionalidade às opressões. Ao contextualizar a situação brasileira como uma nação que importa tecnologias muito mais do que as cria e exporta, ele força uma reflexão sobre a posição que o país ocuparia em um cenário futurístico hiper tecnológico.

Em entrevista, Regina⁵ (2011, n.p.) explica a escrita de seu manifesto próprio e a inspiração vinda do desastre radioativo de Goiânia, onde, em 1987, o descarte inadequado de uma máquina de radioterapia levou à descoberta de uma cápsula de Césio-137 por catadores de lixo, e ao subsequente espalhamento da substância pela cidade, causando a morte direta de 4 pessoas e a contaminação de centenas de outras:

Enxerguei na ocasião que este incidente era uma metáfora perfeita para o que eu pensava (e continuo pensando) sobre a utilização da tecnologia pelo povo brasileiro. O que era para salvar vidas (era um equipamento médico), matou. Por isto escrevi no Manifesto: “Emulamos tecnologias sem conhecê-las”.

Recentemente, em entrevista publicada, o poeta e crítico literário uruguaio Eduardo Milan assim se referiu à produção da cultura na América Latina – “Passamos da escassez à superprodução de bens culturais cujo valor desconhecemos”.

É disto que umbilicalmente trata o Manifesto.

Partindo do contexto da tragédia, ele transforma a ameaça dessa tecnologia em metáforas no imaginário nacional, utilizando figuras folclóricas tradicionais: “um boitatá de olhos de césio espreita no planalto central”, “uma mula sem cabeça cospe fogo radioativo pelas ventas”, “um saci pererê matuta, com uma prótese de vanádio, masca mandioca, tritura paçoca e arrota urânio enriquecido” (REGINA, 1993, pp. 9-10). A seu ver, esse conhecimento tecnocientífico é tão acessível quanto os encantados da tradição indígena, então, como eles, é mitologizado. Essa mesma ideia ele aplica ao retomar a utilização feita por Oswald do conceito freudiano de *totem*, postulando que “o totem foi a primeira máquina do homem”. Deste modo, cria uma linha sucessiva de objetos, dos de superstição à tecnologia moderna, aos quais o homem confere

⁵ REGINA, I. C. Quem é Ivan Carlos Regina?. *É Só Outro Blogue*. [Entrevista concedida a] Tibor Moricz. *É Só Outro Blogue*, [S. l.], 15 mar. 2011, n.p. Disponível em: <https://esootroblogue.wordpress.com/2011/03/15/quem-e-ivan-carlos-regina/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

responsabilidade sobre sua vida, livrando a si mesmo da culpabilidade pelas decisões em que baseou sua existência pessoal e pelos rituais que formam sua sociedade. Ideia essa que sintetiza no trecho “A tecnologia é, em última instância, a tentativa neurótica do homem em substituir todos os seus componentes humanos por artificiais, criando um mundo onde ele seja o menos possível responsável”.

Com essa visão da tecnologia, não surpreende que a ficção científica de Regina parta de um lugar muito mais humano, em relação aos modelos tradicionais de sua época. Em seus trabalhos, o ponto central sobre o qual se especula é majoritariamente o homem. A tecnologia, a ciência e a história alternativas, quando presentes, servem unicamente de plano de fundo ou adereço para uma narrativa de ações e escolhas humanas, que reflete sobre a natureza do homem, seus desejos, seus anseios, seu potencial. “Não viemos criticar a função da máquina, mas propor a estética do homem”.

Regina propõe a canibalização de modelos estrangeiros para a elevação das produções brasileiras, para a criação de histórias que não recriem o *modus vivendi* dos países tecnologicamente desenvolvidos, que não venham a reboque do resto do mundo, que não emulem tecnologias que não conhecem. Suas narrativas representam suas ideias do potencial que ele vê na FC nacional.

3 ANÁLISE DE CONTOS DE IVAN CARLOS REGINA

3.1 Pré-manifesto

As primeiras publicações de Ivan Carlos Regina nas páginas do *Somnium*, nos anos anteriores ao seu Manifesto, representam, de forma notável, o período de transição estilística que o levaria ao abandono dos modelos anglo-saxões. No futuro, ele passaria a primariamente utilizar “personagens brasileiros, com nomes brasileiros, em situações brasileiras, com um jeito de narrar brasileiro, e abordando os nossos problemas” (REGINA, 2018⁶), mas seus primeiros contos ainda se concentravam em indivíduos e organizações distintamente estrangeiros. Ainda assim, esses exemplos inaugurais de sua escrita já desenvolviam alguns dos temas que predominariam em toda sua produção literária, além de demonstrarem tentativas iniciais, mas já efetivas, de combinar o formato de sua ficção com tipos textuais não convencionais, algo que se tornaria no futuro uma marca comum de seu estilo pessoal. Estilo esse bastante próximo ao pós-moderno, mesmo que também homenageie com frequência o modernismo nacional, pois, como descreve Jair Ferreira dos Santos (1993, p. 17):

Enquanto o modernismo lutava pelo máximo de forma e originalidade, os pós-modernistas querem a destruição da forma romance, como no *nouveau roman* francês, ou então querem o pastiche, a paródia, o uso de formas gastas [...] e de massa (romance policial, ficção científica), como na metaficção americana.

O primeiro conto publicado por Regina, “Pela Valorização da Vida”, pelo qual recebeu o Prêmio Nova de 1987, incorpora essa combinação de formatos ao se tratar, internamente, de um memorando escrito pelo historiador Demetrius, funcionário de um escritório, a um de seus superiores, o psicólogo Gibson⁷, explicando o comportamento anormal demonstrado recentemente pelas máquinas do local. A narrativa se desenrola em um cenário futurista onde, como é explicado pelo historiador, uma crescente falta de metais de alta condutividade, somada a uma demanda cada vez maior por trabalhadores altamente especializados e a

⁶ REGINA, I. C. Depoimento de Ivan Carlos Regina. **Ficção científica brasileira**. São Paulo, 27 nov. 2018. Publicado online em antecipação ao evento “Ficção científica brasileira: 60 anos em manifestos”. Disponível em: <https://fcbrazileira.wordpress.com/2018/11/27/depoimento-de-ivan-carlos-regina/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

⁷ Enquanto o nome do personagem Demetrius possui origem grega (seu significado é “seguidor da deusa Deméter”), conectando-o ao seu trabalho de historiador através da base clássica compartilhada, Gibson (de origem gaélica, e de significado “filho de Gilbert”), menos envolvido com a etimologia de seu nome, pode ter sido nomeado em referência ao escritor William Gibson, um dos pioneiros do gênero cyberpunk durante o início da década de 1980, pela forma como o futurismo cibernético de sua escrita encontra oposição no futurismo biológico exposto no conto de Regina.

desenvolvimentos notáveis nos campos de genética e clonagem, levaram à substituição de boa parte dos funcionários tradicionais e de inúmeras ferramentas tecnológicas por “máquinas biológicas” projetadas para funções específicas e clonadas de células humanas. São descritos como exemplos:

- os footmailboys, constituídos de pés, mãos e cabeça com QI suficiente para entregarem mensagens a pequenas distâncias, bem como carregarem as cabeçafones.
- os musculares, seres desprovidos de inteligência que servem unicamente como estivadores nos cais e trabalhadores braçais.
- as moças de escritório, em duas versões: secretárias boas e boas secretárias.
- as cabeçafones, destinadas a terminar com o fluxo de papéis dentro dos escritórios, elas que são cabeças dotadas de voz e ouvidos para guardarem e reproduzirem mensagens previamente decoradas. (REGINA, 1993, p. 12)

O conflito narrado parte das cabeçafones, que, cansadas dos maus tratos, das condições às quais estão sendo submetidas, passaram a gritar em protesto, exclamando slogans como “Chega de maldade, queremos liberdade!” e “Cabeça unida jamais será vencida!”, e agitando as demais partes clonadas empregadas no escritório.

Através da narrativa, Regina discute a alienação da classe trabalhadora, forçada a sacrificar cada vez mais partes de sua vida pessoal para o emprego. A existência dos trabalhadores tem cada vez menos tempo livre para o lazer, para o prazer, para a independência e para a individualidade. Fazendo um paralelo ao *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley — com seu sistema de castas e controle do comportamento através da engenharia genética e do uso de drogas pacificadoras —, a situação dos empregados em “Pela Valorização da Vida” chega ao ponto de eles serem substituídos por réplicas simplificadas, mais baratas, onde tudo considerado pelos patrões como supérfluo para a realização de suas funções foi removido. Como os musculares só precisam realizar trabalhos braçais, são produzidos com “inteligência reduzida”, pois quaisquer contribuições que poderiam fazer no campo das ideias são dispensáveis. Como os footmailboys só precisam entregar mensagens a pequenas distâncias e carregar cabeçafones, só recebem mãos, pés e uma cabeça com “baixo QI”, todo o resto do corpo lhes é negado. As cabeçafones, gravadores orgânicos de palavras alheias, são as mais extensivamente descritas na perda de sua fisicalidade: inicialmente produzidas sem nada abaixo do pescoço, mas ainda aparentemente humanas, perdem progressivamente, para

redução de custos, os cabelos, narizes, sobrancelhas e, finalmente, a capacidade de sentir dor. Mesmo seus olhos só são mantidos para atender aos critérios estéticos de seus usuários. Elas são lentamente separadas de toda sua humanidade, privadas até de sentidos para maior comodidade de seus patrões, ainda que essa comodidade seja apenas a de poder exercer violência física sobre seus “corpos”, sem que reclamem — como tenta fazer o protagonista para acordá-las de seu descanso —, causando o início dos protestos.

Nesse esforço, os patrões buscam fazer de suas máquinas biológicas algo semelhante aos cibernântropos de Henri Lefebvre (1969, pp. 190-191), dóceis e dedicados:

Tendo assim reconhecido o caráter fecundo das coações e mesmo das repressões, o cibernântropo entra em seu elemento. [...] O cibernântropo encontra uma fé na regra, uma satisfação no destino. Não se submete. Aceita. Interina, na forma boa e devida, a regra e a lei. Nada de mal entendidos: ele não é nem masoquista, nem sádico. Se ele trazia consigo vestígios e cicatrizes da subjetividade passada, o analista se livrou deles. Ele respira assim um grande ar de liberdade sob o império das leis. E se ele percebe nos baixios dessa liberdade essencial e principal algumas pequenas liberdades marginais ou intersticiais, desconfia delas. São escapatórias.

Quando não conseguem, eles as tornam descartáveis. Em sua simplicidade de propósito, fizeram das cabeçafones substituíveis a ponto de todo um conjunto poder ser simplesmente jogado na rua, para que não mais perturbem o ambiente do escritório.

As cabeças, no entanto, ao invés de aceitarem sua posição de subserviência, protestam. Recusam o descarte, levantam a insatisfação de toda sua classe, todos os clones locais, em uma movimentação geral por melhores condições. Com seus gritos, despertam a consciência até mesmo de seu chefe humano, que enfim passa a enxergar a si mesmo como mais próximo delas que de seus superiores. Ele começa a perceber a própria exploração, a perda de si mesmo, de sua identidade fora do escritório, se demite e se une ao coro de protestos, dando voz, em seu memorando, às demandas gerais

Caro Sr. Gibson, aproveito para pedir demissão. Não é possível mais continuar. Acho que erramos em qualquer momento do passado.
As cabeças hoje, Sr., querem pensar.
As pernas hoje, Sr., querem amar.
As bocas cansaram-se de repetir e querem expressar os próprios sentimentos.
As secretárias querem datilografar os textos, mas querem também amar e ser mulher.

As partes cansaram de o ser, Sr. Gibson, e querem reunir-se.
E eu, que sou um ser humano, me sinto um amontoado de partes também. Mas quero juntar-me, na esperança de encontrar meu eu, que está perdido. (Regina, 1993, p. 12)

Na alegoria, a história representa o desenvolvimento de consciência de classe nos membros da classe administrativa, que em delírios de grandeza sobre sua posição na hierarquia empresarial podem perder a noção de sua posição real entre as massas de trabalhadores.

Da mesma forma que “Pela Valorização da Vida” critica a alienação advinda das relações de trabalho, o segundo conto do autor, “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo”, vencedor do Prêmio Nova de 1988, reflete a alienação pelas relações de consumo. Sua estrutura envolve padrões do discurso publicitário, justificados internamente pela narração em primeira pessoa feita pelo protagonista, Alfredo Carlos, funcionário do ramo, que assina as campanhas que cria sob o pseudônimo Alfred Car⁸.

Escrevendo no papel, algo raro em sua época, Alfredo narra a evolução de sua carreira frente à realidade atual da profissão, revolucionada por novas práticas de mercado. Décadas antes, em meio à popularização de pesquisas estatísticas para tomada de decisões — de qualquer tipo, de mudanças na fórmula de produtos, a variações em embalagens, e até direcionamento de campanhas eleitorais —, um grande publicitário local conseguiu convencer o presidente da agência a simplificar o processo através da busca pelo verdadeiro “consumidor-padrão”. Um concurso com 200 questões socioeconômicas, psicológicas e de consumo foi realizado na maior metrópole do país, procurando pelos indivíduos que respondessem a todas as perguntas com as mesmas respostas dadas pela maioria dos inquiridos. Como grande prêmio, receberiam uma vida livre das preocupações cotidianas, dedicada apenas a consumir. Assim foi formada a família do Sr. e da Sra. Silva⁹, com seus filhos Silva mais velho e mais novo, e sua filha Silva do meio, vivendo perpetuamente em uma

⁸ Ainda que o significado do nome Alfredo Carlos não pareça se conectar à narrativa (ambos os nomes possuem origem proto-germânica e significam, respectivamente, “conselho de elfos” e “homem”), sua modificação para uso profissional, Alfred Car, de apelo anglófono, sugere uma tentativa de encaixar-se na cultura da empresa estrangeira que o emprega, a *Mac-Canadian*.

⁹ Como forma de apoio à homogeneização do público nacional, a família escolhida para representá-lo perde sua identidade própria e é inteiramente renomeada como Silva (origem latina, significando “selva”), provavelmente por conta da extrema popularidade do sobrenome no Brasil. Sua trivialidade pode ter sido mais uma justificativa para escolha pela mudança de nome de Alfred Car, em um desejo de distanciamento dos membros mais regulares de sua cultura.

casa de vidro acoplada à agência publicitária, sendo observados por redatores como modelos universais de opinião pública.

Desse modo é demonstrado no conto um ótimo exemplo de sociedade que vive, como descrito por Lefebvre (1969, pp. 16-17), refém da tecnicidade, guiada por uma tecnocracia que usa da ilusão da técnica para direcionar decisões a caminhos favoráveis aos seus interesses particulares, nesse caso compartilhados com seus clientes comerciais. Exemplo esse levado, porém, a um ponto além, substituindo o uso de pesquisas sociológicas pela simples simulação delas, extrapolando um padrão de resultados a partir de um único conjunto minúsculo de pessoas. Um conjunto de indivíduos que frequentemente são levados à instabilidade pessoal, proposital ou acidentalmente, com tanta frequência que, segundo informa o narrador, alguns dos Silva precisam ser substituídos, de tempos em tempos. Como o Sr. Silva, que frequentemente morre de câncer no aparelho digestivo (pelo qual a empresa culpa até sua cadeira, mas jamais a comida fornecida pelas empresas clientes, que o homem precisa consumir o tempo todo). Ou os filhos Silva, pelo mais velho sempre se envolver com gangues (algumas vezes chegando a ser violento contra os redatores) e o mais novo perder todos os dentes para cáries por mascar chicletes constantemente (provando assim que a pasta dental “que dá proteção total contra todos os tipos de cárie” testada pela família faz propaganda enganosa). Ou mesmo a Sra. Silva, que eventualmente enlouquece e afeta a família inteira, causando uma necessária substituição geral. O bem-estar da família é irrelevante aos propósitos tecnicistas da agência, tudo que importa é sua oferta constante de opiniões, e a qualidade dos produtos nunca pode ser colocada em questão.

Alfredo Carlos alega, ainda, possuir mais experiência na observação e análise de comportamento dos Silva que qualquer outra pessoa em seu escritório. Começou sua carreira profissional aos 18 anos como *office-boy*, carregando documentos em papel de um executivo para outro, quando as informações enviadas eram demasiado confidenciais para a comunicação tradicional, via videotexto e teleprocessamento. Como a necessidade de seus serviços era infrequente, tinha a maior parte de seu tempo livre para estudar o comportamento padrão da família. Eventualmente se tornou o maior especialista da agência, e graças a isso foi promovido ao cargo de “redator neurótico”.

Nesse ponto, Alfredo explica a função do redator dentro do novo paradigma criado pelo concurso: enquanto a consultoria recebida da família prevê os interesses

do grande público, sempre existe uma quantidade significativa de consumidores em potencial cujos interesses não se alinham aos da maioria, e é para esses que os redatores precisam criar propagandas. Como o próprio narrador aponta

A propaganda tem como fim enquadrar os seres humanos dispersos do padrão de consumo, tornando-os, se possível, consumidores com as mesmas características dos demais.

[...] a publicidade tem por objetivo massificar as pessoas, tornando-as iguais no desejo. (REGINA, 1993, p. 16)

Como forma inovadora de apoio à atividade criativa necessária, as agências, descartando o uso de cocaína e outras drogas similares, fornecem aos seus redatores neuróticos dispositivos que sobrepõem um novo perfil de personalidade à preexistente, permitindo o desenvolvimento de novas ideias de marketing, mais próximas dos perfis não convencionais de público. Ideias que manifestem desejos, medos e pensamentos em geral sem se importar com tabus. No novo mundo da publicidade, não há limites para o aceitável, desde que se aumentem as vendas do produto.

Alfredo Carlos descreve propagandas *non-sense*, remontando por vezes ao Teatro do Absurdo francês, contrastando contextos e objetos triviais com atos ridículos ou chocantes. Propagandas bem sucedidas, como as que, a partir de imagens de um close anal, venderam dois milhões de calcinhas descartáveis; ou as que retratam um necrófilo com batatas chips; ou mesmo as que mostram o transporte postal de uma orelha decepada e sangrando, para provar a rapidez dos correios. Ele próprio assina, orgulhoso, uma campanha de “orgia com goiabada” e outra com três mulheres nuas se masturbando mutuamente, acompanhadas do texto “Coçar, masturbar e Salt-a-Picar é só começar” (idem, p.13).

Os redatores neuróticos recebem seus novos perfis de personalidade disfuncionais justamente para apelarem para a disfuncionalidade da audiência. Na agência Mac-Canadian, o neurótico fóbico, o obsessivo, a depressiva e o histérico são os grandes mestres do marketing, e, entre eles, Alfred Car encontra-se como neurótico de ansiedade, vendendo a ideia de alívio para os intranquilos:

Eu fiz a propaganda do homem que esbofeteia o chefe, abandona o emprego e vai tomar cerveja Quark no alto de uma montanha. Hoje todos que tomam a cerveja Quark acreditam que estejam esbofeteando seu chefe.

Eu fiz aquela propaganda do cigarro de maconha que dizia no final: “Você pode se dar isso, depois do dia que você teve.” E, como todo mundo nunca tem o dia que idealizou, mas sempre pior, as vendas aumentaram duzentos e cinquenta por cento. (idem, p. 17)

Seus roteiros, quando não são baseados em sexo, como os primeiros descritos acima, seguem usualmente uma linha de apaziguação das insatisfações pessoais e coletivas, servindo de manutenção das hierarquias sociais. Buscam convencer sua audiência a aplicar seus anseios, suas frustrações e sua revolta no consumo de mercadorias. É uma destilação fictícia do processo de substituição da posição social do trabalho pelo consumo, descrita por Lefebvre (1969, p. 94):

O trabalho e o trabalhador como sujeito (individual e coletivo) foi substituído pelo consumidor, que não é mais um sujeito, mas sim um lugar, o lugar do consumo. Quem fala? Aquele que ensina o consumo, o publicitário, o organizador do cotidiano, aquele que diz como provocar a coincidência entre a imagem e a situação, entre a ideia e o real. A quem se dirige ele? Ao consumidor. A seu ideal. Quando “me” falam, não é a mim, é ao possível consumidor, portanto ideal: advertido, informado e confirmado, sabendo escolher, sorrindo e sobretudo feliz por consumir, satisfeito. Mil mensagens são a ele dirigidas a fim de consultá-lo (aparentemente) e consolidá-lo (na realidade) através do cidadão, do esposo, do esportista, do jovem ou do adulto, do patrão ou do empregado.

Uma atividade com objetivos simultaneamente comerciais e políticos, que se apoiam mutuamente. Mas que pode demonstrar-se como tal apenas no primeiro campo — o público pode saber que está sendo vendido um produto —, enquanto o segundo precisa, pelo bem da própria eficiência, manter-se discreto, sutil. Como reflete Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* (2001, pp. 346-347):

Embora numa sociedade totalitária, existam claros meios de persuasão e propaganda, tendem estes à inculcação direta da ideologia imperante, sem temer um *approach* problemático: a população é coagida a pensar, a meditar — em termos dogmáticos — sobre os princípios que regulam a própria sociedade. Numa civilização que, ao contrário, o respeito pela autonomia individual é um princípio declarado, e a multiplicidade das opiniões, um artigo de fé, e em que, todavia, por exigências econômicas, se realiza uma direção “oculta” da opinião a fim de orientá-la no âmbito do sistema, a indústria cultural, ao propor ao público sua implícita e fácil visão do mundo, adota os meios da persuasão comercial, mas ao invés de dar ao público o que ele quer, sugere-lhe o que deve querer ou deve acreditar que quer.

No caso do cigarro de maconha, a propaganda de Alfred Car oferece o produto como uma válvula de escape que reduz o estresse diário. No da cerveja, ela cria uma correlação psicológica, uma associação do consumo à vingança contra o chefe. Em ambos, sentimentos que poderiam alimentar uma revolta justa por melhores condições são cooptados pelo desejo por produtos que de forma alguma melhorariam

as condições materiais de seus futuros consumidores. Como explicado, novamente, por Lefebvre (1969, p. 92):

O sistema como tal (o capitalismo) se mantém, com numerosas modificações parciais que não atingem o conjunto: o mundo da mercadoria, a lógica do dinheiro. Para a ideologia, trata-se de dissimular essa aparência sob a exaltação da mudança, ora de dissimular a mudança sob a exaltação do equilíbrio. [...] É aliás importante notar que a sociedade em questão quer se estabilizar num semi-domínio das forças sócio-econômicas [...]. Fica assim suspensa entre um vago aperfeiçoamento da antiga sociedade, aparentemente racionalizada, e uma paródia do possível. Aqueles que desejam uma verdadeira mutação são relegados, de fato e de direito, para o anômico.

O êxito de Alfredo Carlos em sua função, dentro da história, foi tanto que, três semanas antes, foi promovido à posição de “redator psicótico-hebefrênico”, e está recebendo uma nova superposição de personalidade, tendo sua ansiedade substituída por hebefrenia, uma forma de esquizofrenia (redefinida pelo autor em um glossário ao começo do conto) marcada por desordem do pensamento, anormalidades emocionais e alucinações auditivas e visuais, que incide primariamente em “jovens brilhantes, com bom rendimento profissional e escolar”.

Em sua nova loucura, ele acredita piamente ser o melhor redator de publicidade do mundo, tendo levado satisfação a milhões de consumidores. Em um discurso empolgado, durante curtos parágrafos que transformam-se de prosa em poesia, demonstrando perda rápida de sanidade, afirma contentemente ter assassinado a família dos Silva, após ter descoberto que eles não querem mais ser Silva, só não têm coragem de deixar de ser. Na morte, os vê verdadeiramente felizes e realizados, e agora pretende dar esse mesmo presente a todos os consumidores do planeta, para livrá-los do consumo. Fez de si mesmo o único e derradeiro consumidor-padrão e, como manifestação máxima de seu consumismo, quer consumir a todos os outros e, por fim, a si próprio.

No campo metatextual, a narrativa termina em ambiguidade. Apesar dos sintomas listados poderem justificar a conclusão de que as ações narradas foram reais, causadas pelas variações emocionais e alucinações, essas mesmas manifestações da doença também podem ter resultado em uma total perda de compreensão da realidade. Em uma crise de hebefrenia, Alfred Car pode ter se tornado violento e assassinado a família, pondo-se, em seguida, a escrever uma carta de confissão para tentar pôr em ordem seus pensamentos confusos. Ou, em sua crise,

pode ter alucinado o crime e colocado seus delírios em papel, para serem entregues por um novo *office-boy* a um executivo que produzirá uma nova propaganda vendendo a novos hebefrênicos um novo produto, que será associado a essa mesma ilusão de grandeza. Quando começa a escrever, o redator declara sua incerteza sobre a possibilidade do desejo pelo uso do papel em específico ser ou não causado pela nova síndrome. Em um dos cenários, todo um plano de carreira dedicado a apoiar o sistema resultou em um indivíduo destrutivo (e autodestrutivo) que só consegue processar a realidade a partir do paradigma do consumo, de consumir e ser consumido. No outro, a posição máxima que essa sociedade oferece a um profissional exemplar da publicidade, dedicado ao apoio ao sistema, é apenas uma ilusão de progresso pessoal, tão limitante quanto a vida “livre de preocupações” em uma casa de vidro¹⁰ agraciada aos Silva pelo concurso.

3.2 *O fruto maduro da civilização*

Em 1993, Gumercindo Rocha Dórea editou o primeiro livro próprio de Ivan Carlos Regina, pela GRD. Reunindo em um só volume toda a sua produção literária até aquele momento, *O Fruto Maduro da Civilização*, com dezesseis histórias posteriores à escrita do Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira (além do próprio manifesto e dos dois contos que o antecedem), representa perfeitamente a mudança cultural que o autor desejava ver nas obras nacionais do gênero.

Dentre os textos presentes, “Um Homem Porra-Louca Tempo Demais” é um dos melhores exemplos dos padrões estilísticos que marcaram o, eventualmente nomeado por Roberto de Sousa Causo (2021, pp. 105-119), Tupinipunk, com sua prosa cubista, referências pop, sincretismo religioso e multi-referencialismo. Seu protagonista, Richardo, assim nomeado pela indecisão do pai ao escolher entre o padrão anglófono Richard e o nacional Ricardo¹¹, foi um garoto que cresceu decidido a mudar o mundo. Suas leituras na infância levaram-no a sonhar que a vida poderia ser melhor, e sua juventude, imersa no movimento *hippie*, encucou-lhe valores como “a paz, a amizade, a alimentação natural, a agricultura alternativa, o ódio às guerras,

¹⁰ A narrativa de Regina dialoga com o conto distópico “A Casa de Vidro” (1979), de Ivan Ângelo, ao descrever uma prisão voluntária, criada por objetivos comerciais, à qual se refere usando o nome compartilhado pela prisão legítima literal da obra que precede à sua.

¹¹ Além do multi-referencialismo e da influência anglófona na escolha do pai, a raiz proto-germânica do nome é compartilhada por palavras como “rico” e “riqueza”, indicando uma origem plutocrata da família ou um desejo de sucesso econômico ao recém-nascido, além de antever toda a fortuna que ele acumularia um dia.

a música, o teatro, a boa leitura (REGINA, 1993, p. 23)". Viveu imerso na contracultura até que, aplicando seu QI acima da média, começou a estabelecer as bases filosóficas de sua guerra à sociedade. No texto que batizou de "Postulado da Agressão", declarou:

Primeiro Postulado de Richardo

Só combatemos aquilo que nos é supérfluo.

Só amamos aquilo que nos falta.

Para combater, é necessário que primeiro abramos mão do essencial.

Só podemos derrotar o que já matamos. (idem, p. 24)

Assim iniciou-se seu embate pouco convencional.

Em seu primeiro passo Richardo tratou de enriquecer, através de um método que criou para fazer investimentos na bolsa de valores, seguido de aplicações em negócios escusos, como o narcotráfico, a prostituição, o jogo do bicho e assaltos à mão armada. Exercitando o humor e o absurdo, elementos populares na ficção nacional, Regina se refere a essas atividades com sarcasmo, como sendo "somente em negócios honestos", além de categorizar junto a estes crimes o comércio de produtos que, apesar de serem legalmente permitidos, são igualmente vistos de forma negativa pelo protagonista idealista, como hambúrgueres, refrigerantes sabor cola e Telejogos. Ainda assim, a seu próprio desprazer, o personagem envolve-se com tudo isso, entendendo que a única forma de acumular poder e influência suficientes para mudar a sociedade seria através dos meios estabelecidos por ela.

Após ser internado em uma clínica psiquiátrica, a mando dos poderosos que se incomodaram com seu rápido crescimento econômico, Richardo foi liberado graças ao seu Segundo Postulado, "Você é tão menos louco quanto mais dinheiro você possui (idem, p. 24)¹²". Na realidade de sua nova posição social, percebeu que não havia muito que pudessem fazer para contê-lo, frente a quantidades altas o suficiente de dinheiro.

Começou então sua jornada de purificação, que precisava, porém, ser precedida pela de contaminação. Em um consumo diário de todos os males, passou a fumar cigarros de tabaco e de maconha, cheirar cocaína, injetar heroína, comer pipoca, beber "Xoca-Cola" e almoçar uma dezena de "Mec-burguers", para eventualmente sentir a agonia de abandonar a todos os vícios:

¹² Possivelmente fazendo intertextualidade com o *Manifesto Canibal Dada*, de Francis Picabia (1920), através da respeitabilidade fornecida pela posse do dinheiro: "Honra, honra ao dinheiro; aquele que possui dinheiro é um homem honrado".

Depois parou de fumar (e sentiu tonturas).
 Depois parou de puxar (e sentiu arrepios).
 Depois parou de fungar (e sentiu o cold-turkey).
 Depois parou de picar (e foi um agito).
 Depois parou com a pipoca (e olha que foi broca).
 Depois parou com a Xoca (e suou frio, e gritou frases desconexas, e foi internado e pirou).
 Mas não deixou de comer seus hambúrgueres
 O panteão que abriga, na eternidade, os que alcançaram o Samsara, quase permaneceu com uma cadeira vazia.
 A carne de minhoca + soja desproteïnizada + aditivos químicos, tudo isso e muito mais, num pão com gergelim...
 Mas a história tem um fim, e, enfim, Richardo se livrou desse horrível vício de comer partes (quicá pudendas) de animais quadrúpedes.
 (REGINA, 1993, p. 25)

É notável a forma como os efeitos da abstinência são descritos como sendo mais intensos a cada vício citado, porém com as drogas ilícitas ainda sendo mais facilmente abandonadas que os produtos alimentícios, especialmente os industrializados, respectivamente parodiados das marcas Coca-Cola e McDonald's (no segundo caso, até referenciando, na linha que termina em “num pão com gergelim...”, o *jingle* usado pela marca desde a década de 1940). Em um exemplo do fenômeno discutido por Herbert Marcuse (2015, p. 44), onde a presença continuada de produtos comerciais transforma a doutrinação do consumismo em estilo de vida, o abandono dos padrões de consumo e a subsequente mudança de hábitos são considerados pelo protagonista como obstáculos mais difíceis que o efeito fisiológico da ausência súbita das drogas no organismo.

Dessa experiência resultou o Terceiro Postulado, “Mais importante que entrar numas é sair delas¹³ (REGINA, 1993, loc. cit.)”.

Seu próximo ato começou com a invenção de duas máquinas que revolucionaram o mundo, agradando a ambos os crentes e os céticos. Para a primeira metade da população criou uma “máquina de rezar”, nas versões cristã, xintoísta e budista, que continuamente enuncia, em vozes chorosas, pedidos de desculpas pela existência, num exercício automatizado de autoflagelação espiritual. Para a segunda, naturalmente formada por leitores de ficção científica, fez um *software* que produz, mensalmente, dezenas de livros do gênero a partir de listas de topos e clichês da tradição anglófona, “tais como homenzinhos verdes, pistolas de raio laser, discos

¹³ A expressão “entrar numas” é uma gíria popular nas décadas de 1970 e 1980, que significa “adotar um determinado comportamento ou estar em um determinado estado de espírito”. Regina faz humor com ela ao introduzir uma inversão, com “sair delas”. PITELLA JÚNIOR, J. Anos 70 e 80: O Lance Era Transar Gírias Bacanas. *Blog do Pitella*. [S. l.], 2014, n.p.

voadores, monstros de protoplasma, etc. (REGINA, 1993, p. 25)”. Dois exemplos de tecnologias perfeitamente dispensáveis, falsas necessidades como as descritas por Marcuse (1982, p. 44): temporariamente gratificantes, mas que perpetuam a infelicidade no longo termo. A oração e a meditação realizadas pelas máquinas do primeiro tipo são atividades de foro íntimo, que só tem a perder em profundidade e impacto pessoal quando terceirizadas, especialmente para instrumentos automáticos, enquanto as máquinas do segundo tipo só são capazes de regurgitar textos formulaicos sem qualquer originalidade, incapazes de ir além dos padrões traçados, feitos para audiências satisfeitas com o perpétuo consumo repetitivo de um mesmo produto disfarçado com embalagens ligeiramente diferentes. Um ótimo exemplo dos, descritos por Lefebvre (1969, p. 21), efeitos da tecnicidade no cotidiano:

A alta tecnicidade penetra no quotidiano sob a forma do *gadget*. uma lista dos *gadgets* mais engenhosos, um quadro de sua utilização na quotidianeidade, um estudo disso tudo são coisas que dependem de uma obra detalhada sobre a vida quotidiana. Desse estudo resultaria, a nosso ver, que a acumulação dos *gadgets* produz um monte de coisas que em nada transformam a quotidianeidade. Quando alguém quer se entregar à “prospectiva” a respeito do quotidiano, quando se imagina o futuro deste, logo vem à imaginação um enorme acúmulo de *gadgets*. [...]

Aquilo que se consome ao utilizar um *gadget* é um signo da tecnicidade. Ainda aqui o consumo dos signos e das significações representa um certo papel. Entra-se no imaginário acreditando-se estar no real idêntico ao racional.

As máquinas de Richardo não representam uma forma de progresso ou evolução real em qualquer nível, apenas a ilusão dela, inseridas em dois contextos tão prevaletentes na vida humana que são colocados pela narrativa como comparáveis, para grupos distintos: a religião (perspectiva de um período pós vida espiritual) e a ficção científica (perspectiva de um período pós vida material, possível às gerações futuras). Ambas as atividades, a reza e a leitura, podem dispensar inteiramente a presença do maquinário sem qualquer tipo de perda, pelo contrário, poderiam até apresentar ganhos, mas a introdução da tecnologia como intermediária adiciona à vida um falso véu de futurismo, progresso e inovação.

Richardo fez a si mesmo, então, um ídolo para todos que o aceitassem. Construiu uma casa pentagonal e trancou-se por seis meses, lendo teologias e dicionários, só alimentando-se de arroz integral, e ao sair tornou-se “guru dos

macrobióticos” pelo consumo exclusivo de produtos naturais¹⁴. Recusou carreira política, lançou canções, publicou um livro de poemas piegas e escreveu uma peça de teatro tão obscena que foi repudiada pela igreja. E, em seu apogeu, renegou a todos os próprios fãs e seguidores com xingamentos e humilhações. Seu sucesso só cresceu. Aprendeu da experiência que o homem busca o desprezo daqueles que vê como seus superiores, e adicionou então ao seu *magnum opus*:

Quarto Postulado

Todos adoramos sofrer, para expiar nosso remorso de existir.
 Dos deuses e dos ídolos esperamos sempre castigo.
 O deus cruel é obra do homem, que nele se realiza.
 (REGINA, 1993, p. 26)

Só então, tendo alcançado o máximo da fama e do dinheiro, Richardo fez seu ataque planejado havia anos: uma série de peças publicitárias iniciada por um comercial de TV mostrando um ordenhadouro sujo, comparado a um campo plácido de cultivo de soja, acompanhado da frase “beba leite de soja, é melhor e não enoja”. Todo o resto das campanhas seguindo essa mesma linha, além de um documentário sobre o abate e processamento de gado, e *outdoors* com mensagens sobre sexo livre, consumo de missô, substituição do tabaco por maconha, e amar a si mesmo.

Foi o fim do seu sucesso.

Uma vez que sua contracultura deixou de ser a “contracultura comercial”, algo vendável, nenhuma forma de propagação da mensagem foi capaz de vencer o padrão social, não importa quanto dinheiro pagasse.

Richardo nunca alcançou o que sonhou para o mundo, toda mudança que causou foi interna. Quando faleceu, a percepção pública de sua imagem estava tão arruinada que a imprensa anunciou o fato como sendo resultado de uma discussão sobre incenso no Viaduto do Chá, enquanto seus últimos três discípulos diziam que ele se foi em paz, “curto-circuitando seus sete chakras, e exortando-os a o abandonarem”. Como última mensagem, deixou seu Quinto Postulado, “Se você não viver os outros não vão ligar a mínima (idem, p. 27)”.

Um fim deprimente para a sua jornada, exceto pela aparente mudança de perspectiva que lhe antecipa: quebrando a quarta parede, antes da revelação da postulação final, o narrador avisa “Foi uma vida útil, pois convenceu uma pessoa:

¹⁴ Este ocorrido aproxima-se do conto machadiano “O Alienista” (1882), em seu último capítulo, onde o Dr. Simão Bacamarte trata de curar, dentro de um prazo de seis meses, todos os loucos mantidos para tratamento em sua “Casa Verde”, através de um balanceamento de personalidades pela exposição a objetos e mídias que se opõem às suas disfuncionalidades pessoais.

VOCÊ (REGINA, 1993, p. 18)”. Em um nível metatextual, se ao menos uma pessoa terminar convencida da validade de seus sonhos, toda a sua jornada valeu a pena. Que o conto semeie princípios na consciência de outros jovens Richardos.

No conto “Acúmulo de Skinnot em Megamerc”, o consumo é abordado para além do campo da propaganda, dedicando-se a uma versão hiperbólica do espaço de compras mais comum ao povo brasileiro. Seus eventos ocorrem no interior do MEGAMERCADO, o maior estabelecimento comercial do planeta, situado na maior cidade, cuja população possui o maior poder de compra. Uma versão futura e exagerada dos já existentes hipermercados, o próximo passo da cadeia de expansão que já havia levado do “mercado” ao “supermercado” (CHAUVIN, 2023). Seus cento e vinte quilômetros de corredores compoem um espaço tão extenso que alamedas inteiras precisaram ser construídas para a passagem dos carrinhos motorizados pilotados por consumidores, dada a impossibilidade de se completar uma visita a pé. Toda essa monstruosidade comercial sendo administrada pelo protagonista, Jerônimo Ferreira, autointitulado Jerfer¹⁵, o gerente geral responsável por um batalhão de trabalhadores que inclui seiscentos caixas, seiscentos empacotadores, trinta gerentes, cem sinalizadores, cinquenta guardas de trânsito e centenas de outros mais em funções diversas. Seus comandos trazendo ao espaço alterações para diminuir problemas de mobilidade e segurança (como a sinalização de trânsito, para reduzir acidentes de carrinhos, e botões de emergência, para resgate de visitantes perdidos em seções mais isoladas de corredores) e para otimizar vendas (como a distribuição de batatas chips perto do corredor de refrigerantes, causando sede e sutilmente associando os dois produtos).

Em sua absurdez e seu excesso, o Megamerc representa o espetáculo do comércio em seu esforço de convencimento ao consumo, como descrito por Jean Baudrillard em *O Sistema dos Objetos* (2004, pp. 181-182):

Tanto quanto a tranquilidade que ela oferece de uma imagem jamais negativa, somos sensíveis à manifestação fantástica de uma sociedade capaz de ultrapassar a estrita necessidade dos produtos na superfluidade das imagens, somos sensíveis à sua virtude de espetáculo, de jogo, de encenação. A publicidade desempenha o papel de cartaz permanente do poder de compra, real ou virtual, da sociedade no seu todo. Disponha ou não dele, eu “respiro” este poder

¹⁵ Em uma situação semelhante à de Alfredo Carlos, do conto “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo” (Cf. nota 8), Jerônimo Ferreira (primeiro nome de origem grega, significando “sagrado”, e sobrenome de origem latina, significando “mina de ferro”) tenta se adequar à sua posição profissional através de uma modificação de apelo moderno e estrangeiro, distanciando-se da trivialidade nacional de seu nome de batismo.

de compra. Além do mais, o produto se dá à vista, à manipulação: ele se erotiza — não somente pela utilização explícita de temas sexuais, mas pelo fato de que a compra, a apropriação pura e simples é no caso transformada numa manobra, num roteiro, em dança complexa, acrescentando ao procedimento prático todos os elementos do jogo amoroso: avanço, concorrência, obscenidade, namoro e prostituição (até mesmo a ironia). Ao mecanismo da compra (já investido de uma carga libidinal) substitui-se toda uma erotização da escolha e da despesa.

Todo o funcionamento da estrutura comercial — quando este não está voltado a resolver as questões de mobilidade e segurança — é projetado para convencer da necessidade de comprar. O próprio gerente enxerga claramente, sem pudores, seu papel na dinâmica de compra e venda: “Numa visão cubista e hedonista, ele manipula as seções do supermercado de maneira que, dentro de uma percepção puramente artística, consiga extorquir os resquícios de timidez dos seus consumidores implacáveis (REGINA, 1993, p. 34)”. Porém sem jamais superestimar a si mesmo. Jerfer tem total consciência de seu papel de apoio em meio a uma sociedade que já codificou na própria produção os sistemas de atração do público. A alimentação, como exemplo maior, é descrita como tendo sido inteiramente simplificada e padronizada, resultando em uma tabela de quatro categorias que, combinadas, descrevem todos os aspectos relevantes de qualquer produto:

- A cor, que pode advir de corante amarelo, verde, branco ou azul.
- A textura, que pode ser baseada em soja, alga, plâncton ou celulose.
- O sabor, que pode ser de açúcar artificial, menta artificial, queijo artificial ou batata chips artificial.
- O odor, que pode ter um efeito ácido, estimulante, agridoce ou relaxante.

E, como parte da mesma iniciativa, toda sua produção foi coletivamente transformada em uma longa cadeia industrial, onde apenas a base da textura precisa ser algo próximo de um ingrediente tradicional. Na nova matriz de fabricação, a comida é reduzida a apenas uma matéria prima (a textura) que passou por uma sequência de processos mecânicos de descoloração, homogeneização, pasteurização, decocção, desfibramento, moagem, coloração, aditivação, adição de sabor, odor, vitaminas e sais minerais, e embalagem (idem, ibidem).

Através do uso da tabela, os gostos dos grupos de consumidores tornaram-se inteiramente normatizados e facilmente identificáveis, permitindo que toda a competição entre marcas se resuma à propaganda e à acessibilidade (a dicotomia do

comum contra o *gourmet*, agora representado nas mais raras combinações de elementos da tabela). A ideia de fórmulas individuais foi descartada, a inovação se tornou desnecessária. Os clientes já sabem suas preferências e só precisam escolher sua favorita entre as dezenas de marcas vendendo produtos idênticos em embalagens distintas. “Era uma coisa elementar, mas a população não sabia, ou melhor, não era segredo, mas ninguém se importava (REGINA, 1993, pp. 34-35)”.

Deste modo, para perpetuar os padrões de consumo de seu consumidor ideal, o MEGAMERCADO projeta em seus clientes o cibernântropo idealizado por Lefebvre (1969, pp. 188-189):

O agradável e o conveniente se definem assim por um código constituído de qualidades opostas: o gelado e o quente para as bebidas, o crocante e o untuoso para as iguarias, o macio e o enrugado, o denso e o leve, etc. Essas qualidades opostas e bem definidas são mensuráveis. São qualidades quantificáveis. Aquilo que convém ao cibernântropo é definido funcional e estruturalmente. O cibernântropo desconfia dos sabores desconhecidos, ricos demais, surpreendentes demais. Os odores têm alguma coisa de incongruente, de incontrolável, de arcaico; os países subdesenvolvidos estão cheios de odores difíceis de serem classificados por oposições pertinentes, a não ser como estranhos e horrorosos. O que convém ao cibernântropo é antes o pasteurizado, o higiênico, o desodorizado.

Seus interesses são limitados ao convencional, ao óbvio, ao simples. Complexidades de cores, sabores, texturas e odores significariam necessariamente a esse sistema uma impossibilidade de padronização, um fim da competição comercial organizada, publicitária e simplificada. Para garantir então a permanência da simplicidade, a ausência de escolhas, a irrelevância de decisões, é preferível o sacrifício da complexa experiência cultural humana que é a alimentação. Até mesmo o espetáculo do comércio no mercado, que o conto retrata, é incluído por Lefebvre como parte do apelo ao cibernântropo, nas páginas de *Posição: Contra os Tecnoctatas* (idem, p. 191):

O cibernântropo procura um estilo. Encontra-o, encontrou-o porque ele o fez. É o estilo Dimensonic, o estilo Omo, o estilo Super-mercado. Nosso amigo vê nisso o Espetáculo total, o Super-espetáculo, coroamento de uma época espetacular e que se oferece em espetáculo e que vende espetáculos. No super-mercado, a mercadoria desdobra suas atrações e seduções. Todos os objetos estão ali, e por trás dos que ali estão, todos os objetos possíveis, todas as coisas imagináveis se expõem, se superpõem, num horizonte de coisas. O conjunto das coisas torna-se espetáculo. Som e luz. A música se põe ao serviço da coisa, e a retórica do objeto gasta seus recursos numa apresentação sempre renovada. [...]

O cibernântropo adora os objetos expostos ao consumo de massa.

O consumidor ideal do Megamerc é o cibernântropo, vivendo para consumir seus produtos simples de marketing complicado. O resto da sociedade, incapaz de replicar seu poder de compra, é descartável, um conjunto de partes desnecessárias ao sistema. E o que acontece quando esse descarte invade os quilométricos corredores e alamedas?

Ao final do conto Jerfer lida com um novo problema recente, o desaparecimento de produtos alimentícios — e apenas dos alimentícios — durante o período de duas horas diárias, na madrugada, quando o estabelecimento está fechado, vazio de funcionários. Sua solução consiste de redes finas entre prateleiras, difíceis de se ver ao olho nu. Já na primeira noite de tentativa são capturados os culpados:

[...] presos em uma rede, sob os olhos atentos do seu chefe de segurança, algumas coisas brancas, gordas, plácidas, assustadoramente se abraçam. São seres humanos albinos, a barriga inchada, os olhos vazios, um misto de medo e incompreensão no olhar.

Jerfer aproxima-se deles, que recuam, apavorados.

São seres que nunca viram a luz do sol, que nunca escreverão poemas, que sempre comerão comidas artificiais, beberão colas até dilatar o estômago, morrerão de câncer, virgens de intelecto.

Jerfer dá uma chicotada no ar. Os pobres seres se abraçam, infelizes. As cáries se mostram, importunas. A pele alva refletindo a luz dos refletores, sóis de suas existências.

Nunca terão cérebros, serão somente *skinnots* abrindo caixas flavorizadas nos supermercados da vida, encontrarão apenas prazer em degustar e paz em deglutir... (REGINA, 1993, pp. 35-36)

Abaixo dos padrões esperados de classe social na maior e mais rica cidade do mundo, os necessitados que apelam à invasão do Megamerc são vistos como pragas a serem dedetizadas. O gerente sequer consegue imaginá-los como seres humanos, são apenas parasitas. Se eles não se encaixam na dinâmica de trabalho (acúmulo de capital) e consumo (transferência de capital em troca de produtos), precisam ser exterminados. São apenas mais um problema a ser riscado da lista de afazeres do super gerente Jerônimo Ferreira.

Outro exemplo da escrita de Regina em sua primeira antologia, desta vez lidando com relações interpessoais fora das dinâmicas de trabalho e consumo, é o conto “Amor, Que Seja Eterno Enquanto Dure”. Sob o formato de carta, ele retrata o cortejo romântico entre dois pacientes de clínicas médicas, presos pelo governo¹⁶.

¹⁶ Com esta base, o enredo aproxima seu relacionamento central ao de casais de distopias tradicionais, como Winston e Julia em *1984* (George Orwell, 1949): dois personagens que buscam, através da relação, por contato humano, apesar do sistema opressivo que os mantém isolados.

Na missiva, $\frac{1}{16}$ Alberto, da Casa de Espera São Pedro, declara seu interesse amoroso a $\frac{1}{2}$ Marta, da Casa de Espera São Paulo, uma mulher que ele jamais conheceu pessoalmente, apenas conseguiu seu contato de uma lista pública de interessados na troca de correspondências. Em meio à apresentação e às pretensões futuras para o relacionamento, ele revela a razão de sua presença forçada no local: foi preso aos dezenove anos de idade, por protestar contra o governo. Foi penalizado com uma estadia permanente na clínica. Como forma de controle, manifestações de insubordinação política são penalizadas duramente, ao ponto de a situação narrada retratar uma versão mais extrema do processo de cerceamento de liberdades apontado por Marcuse (2015, pp. 41-42):

Os direitos e liberdades que eram os fatores vitais nas origens e nos estágios iniciais da sociedade industrial se renderam ao estágio superior dessa mesma sociedade; esses direitos e liberdades estão perdendo sua razão e seu conteúdo tradicionais. Liberdade de pensamento, palavra e consciência é — assim como a livre iniciativa, que ela promoveu e protegeu — essencialmente ideias *críticas*, designadas para substituir uma cultura material e intelectual obsoleta por uma mais produtiva e racional. Uma vez institucionalizados, esses direitos e liberdades compartilham o destino da sociedade da qual tinham se tornado uma parte integral. A realização cancela as premissas.

[...] Independência de pensamento, autonomia e direito de oposição política estão sendo privados de sua função essencialmente crítica em uma sociedade que parece crescentemente capaz de satisfazer as necessidades dos indivíduos por meio da forma como está organizada. Tal sociedade pode, justamente, exigir a aceitação de seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de alternativas políticas *dentro do status quo*.

No cenário social do conto, onde a repressão e as punições médicas são normalizadas, a perda das liberdades é tamanha que o exercício delas resulta em um castigo cruel e prolongado: os condenados, nas Casas de Espera, são mantidos dopados com doses regulares da droga TRANQUILIUM¹⁷, enquanto aguardam por cirurgias involuntárias de remoção de seus órgãos. Estes sendo, quando necessário, substituídos por aparelhos mecânicos que cumpram suas funções, de modo a prolongar a vida útil dos pacientes como fontes de material biológico a ser “reaproveitado”. De $\frac{1}{16}$ Alberto, de acordo com seu relato, começaram retirando o

¹⁷ Mais um elemento de relação intertextual com narrativas distópicas tradicionais: a presença de drogas tranquilizantes, para controle da população. Seu funcionamento no conto de Regina evoca a substância SOMA, de *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley, 1932), que confere à população sentimentos de euforia e felicidade constantes.

pâncreas e um rim, alguns anos antes. Agora já se foram seu outro rim, um dos olhos, um pé, metade do fêmur esquerdo, o nariz, as orelhas, o fígado e o intestino.

O destino dos órgãos removidos é algo que jamais chega a ser explicado de forma explícita. Nas entrelinhas, no entanto, abre-se a possibilidade do uso para transplantes ou em aplicações científicas, dado o fato de sua remoção só ser realizada quando a necessidade de determinadas partes específicas é apontada pelos médicos:

Eu e meus aparelhos ainda podemos nos mexer, e consigo caminhar com certa desenvoltura. Doutor Butcher disse que minha perna demorará para ser aproveitada, e poderei andar por muito tempo. Sabe, querida ½ Marta, a São Pedro é famosa por ter sempre um grande estoque de pernas e nenhum de rins. Mas o que está escasso aqui é o nariz. Meus dois melhores amigos já o perderam, e os doutores estão procurando por novos narizes urgentemente. Espero que você não preze muito um homem com nariz, mas com essa escassez você já deve estar acostumada (REGINA, 1993, p. 73).

O nome do médico citado (único caso de um profissional sendo nomeado pelo narrador) abre espaço, no entanto, para a possibilidade de um uso bem menos nobre. *Butcher*, açougueiro, carniceiro, algoz. Uma figura ameaçadora e sanguinária, acostumada com a matança. Possivelmente, mas não necessariamente, um açougueiro literal, destrinchando corpos para consumo alimentício. Ou talvez, alternativamente, apenas um apelido cômico dado por 1/16 Alberto — ou por outro paciente local — ao torturador local. Sua aplicação especificamente na versão anglófona é outro detalhe singular, considerando o fato de que todos os nomes mencionados antes ou depois (Alberto, Marta, etc.) são tradicionais da língua portuguesa. É possível que a escolha tenha sido motivada pelo fato dessa aplicação como sobrenome ser mais comum à língua inglesa, porém, levando-se em conta as opiniões expressas por Regina sobre a importância do uso de nomes brasileiros na ficção científica nacional, a possibilidade de uma intenção autoral mais minuciosa para essa decisão é bastante notável. A escolha de um sobrenome anglófono, estrangeiro, para o único profissional médico nomeado, em meio a um conjunto de personagens inteiramente brasileiro, sugere certo nível de influência internacional no projeto e nas clínicas. Uma influência que pode se manifestar através da importação de instrumentos e profissionais para realização das cirurgias, de um auxílio externo no estabelecimento das Casas, ou mesmo de uma exportação das partes removidas, independentemente de seu uso pretendido. Uso esse que o próprio doutor só cita em termos de um “aproveitamento”, sem maior especificação.

Até mesmo a convenção de nomenclatura dos pacientes é projetada para lembrar a eles de sua perda crescente de fisicalidade. Suas frações representam o que lhes resta de si mesmos, em referência ao que já foi perdido. Com tudo que lhe resta de seu corpo, é improvável que $\frac{1}{16}$ Alberto tenha apenas $\frac{1}{16}$ (ou 6.25%) de sua massa corporal, mas é perfeitamente possível que já tenha passado por quinze procedimentos de remoção das partes. Desse modo, $\frac{1}{16}$ Alberto seria $\frac{1}{16}$ por ser apenas uma das dezesseis partes de seu corpo original. E ele ainda não chega nem perto dos casos mais extremos que conhece, como o de $\frac{1}{64}$ Orlando¹⁸, o recordista geral das clínicas, que foi reduzido a apenas um cérebro mantido em atividade por máquinas, agora que não tem mais nada a oferecer.

Até mesmo parte dos funcionários, por alguma razão, parece ter sofrido a perda de órgãos. $\frac{1}{16}$ Alberto cita interações com uma enfermeira que é descrita como sendo linda, mas que “não tem mais... aquilo, você sabe o quê (REGINA, 1993, p. 73)”.

Essa preocupação subentendida da sexualidade dos corpos é constante na carta. Além da menção da enfermeira, o paciente escritor se orgulha de manter o próprio aparelho reprodutivo — “Minha caixa torácica está quase que totalmente vazia, pelo que o pessoal me trata carinhosamente de *bola murcha*. Mas minhas bolas e meu pênis estão inteiros, e funcionam (idem, ibidem)” —, além de exprimir uma esperança de semelhante integridade física em sua amada: “Espero, cara $\frac{1}{2}$ Marta, que a metade que te restou seja a de baixo. Ah Ah Ah Ah... desculpe pela piada. É velha, mas sempre funciona (idem, p. 74)”.

Essa preocupação é justificada pela motivação inicial de sua busca amorosa: $\frac{1}{16}$ Alberto deseja “ter um continuante”, gerar um filho. Planeja, assim que receber o consentimento de sua amada, já que o encontro entre pacientes de clínicas diferentes não é possível, enviar-lhe seu sêmen congelado junto à sua próxima missiva. O que acontece com esses “continuantes” gerados nas clínicas, considerando que ambos os pais estão em prisão permanente, é um mistério que não chega a ser explicado.

¹⁸ Ainda que a motivação dada para sua prisão não os conecte a qualquer classe social específica, os três nomes de pacientes compartilham de etimologias que indicam riqueza ou nobreza. Alberto possui origem germânica e significa “nobreza brilhante”, Marta possui origem aramaica e significa “dama/senhora”, e Orlando, também de origem germânica, tem sua raiz na expressão “(ter uma) terra famosa/gloriosa”. Para além disso, a presença dos números junto aos nomes remonta a outro elemento de distopias tradicionais: a “coisificação” de indivíduos apresentada na obra *Nós*, de Yevgeny Zamyatin (1924).

Ao fim, sua despedida expressa quão profundamente foram internalizadas a desumanização pelos nomes fracionados e a inevitabilidade da perda de tudo o que resta do corpo:

Podendo declarar amor para breve, sou todo teu (ou apenas $\frac{1}{16}$, como
queiras).
Um beijo de metal
do coração ainda de carne
de $\frac{1}{16}$ Alberto. (REGINA, 1993, p. 74)

3.3 *O éter inconsútil*

Após cerca de vinte e seis anos sem publicar novos livros de ficção científica, mantendo seus textos apenas nos fanzines e em antologias coletivas, Ivan Carlos Regina publicou em 2019, junto à Editora Patuá, seu segundo volume de histórias do gênero. *O Éter Inconsútil*, como foi intitulado, reúne toda a sua produção de FC posterior à obra de 1993, um conjunto de trinta e uma narrativas que retratam a evolução de suas ideias e seu progresso como escritor, além de, em alguns casos, também expandir conceitos já trabalhados.

O primeiro exemplo dessa expansão se encontra no primeiro conto da obra, “Pequena História do Passado”, que explora novamente uma sociedade transformada pelo desenvolvimento de máquinas biológicas baseadas na clonagem e na engenharia genética — semelhante à de seu primeiro conto publicado, “Pela Valorização da Vida”, ainda que em um contexto distinto do original. Desta vez extrapolando uma motivação direta e uma origem para essas tecnologias, além do progresso de suas aplicações e o surgimento de novas invenções para suprir vácuos causados pelas mudanças sociais que se seguem.

No correr da história, prefaciada por uma nota do autor (que explica sua visão da sociedade como sendo um organismo que nasce, desenvolve-se e eventualmente morre) e pelo diagnóstico dado por um psiquiatra à “civilização do *Homo sapiens*”, Regina compõe uma visão histórica do “avanço clínico” da raça humana em direção à sua inevitável morte, partindo do ponto de vista de um ex-usuário de seus produtos modernos, que acredita ser o último homem do ano de 2032.

A “pequena história” titular começa no período que o prefácio psiquiátrico define como sendo a Fase Neurótica da humanidade¹⁹, entre 1945 e 1991, quando os

¹⁹ Esta nomeação faz uma possível alusão à obra *Cultura de Massas no Século XX*, de Edgar Morin. Em seu primeiro volume, *Neurose* (1962), Morin discute amplamente a difusão da cultura de massa pós Segunda Guerra Mundial, a aplicação capitalista dos meios emergentes de comunicação para

desenvolvimentos tecnológicos que afetaram o curso da Segunda Guerra Mundial também se refletiram na opinião pública, causando uma valorização renovada das ciências. Essa confiança elevada do público e das instituições resultou em um aumento considerável dos investimentos científicos e, por conseguinte, dos avanços coletivos, para saciar as necessidades básicas da população em geral: um aumento considerável da produção agrícola, uma evolução dos métodos de cuidado de saúde preventivos e curativos, e uma ampla diminuição da desigualdade social. Como consequência, cresceram as reivindicações das necessidades psicológicas, alimentadas pela crescente difusão de informações. Na televisão, meio que passa rapidamente a dominar a comunicação de massa, propagandas comerciais passam a vender o desejo por produtos desnecessários, em uma popularização dos já apresentados *gadgets* lefebvrianos, que apenas aumentam o sentimento coletivo de insatisfação. Como descrito pelo narrador:

Em compensação, o ser humano, essa criatura que cada vez tem mais, cada vez mais quer.
Sente-se insatisfação de não possuir tudo que lhe é apregoado, e sofre cada vez mais ao comparar seu pequeno mundo individual com a grandeza da sociedade que o cerca.
É a época das grandes metrópoles, das grandes ilusões.
(REGINA, 2019, pp. 20-21)

Para suprir tamanho desejo por bens de consumo, os recursos naturais são explorados ao seu limite, com os rios e céus sendo poluídos enquanto o tempo humano é cada vez mais liberado para atividades destinadas à satisfação pessoal, graças à aplicação de máquinas nos espaços de trabalho. As populações dos países mais ricos, segundo a narrativa, por terem mais tempo livre e uma maior exposição a propagandas de itens para desejar, são as que mais se sentem infelizes, deprimidas pelo esvaziamento de sua existência, que falham em preencher com produtos, esmorecidas pela terceirização de suas responsabilidades. Seguem o caminho previsto pelo psiquiatra para a enfermidade: “A tecnologia é, em última instância, a tendência neurótica e progressiva da sociedade em transformar todos os seus componentes humanos em artificiais, criando um mundo onde ele seja o menos possível responsável (idem, pp. 18-19)”. Como apontado por Marcuse em *O Homem Unidimensional* (2015, p. 108), a eficácia e a produtividade de uma sociedade que

criação de uma nova “indústria cultural”, e a mobilização do consumo, por influência midiática, como opção de lazer para o público em geral (MORIN, 2002), temas e eventos também descritos na narrativa fictícia de Regina.

convenceu seus indivíduos de sua capacidade de entregar todos os bens desejados são facilmente aplicadas como justificativas do controle sobre o comportamento geral. Todos os impactos, as contradições, a assimilação de revoltas, são justificáveis: “a destruição de recursos e a intensificação do desperdício demonstra sua opulência e os ‘altos níveis de bem-estar’: ‘a Comunidade está muito bem para se importar!’ (MARCUSE, 2015, 108)”.

A partir de 1991, no entanto, a humanidade entra em sua Fase Hebefrênica, inaugurada pelo começo das pesquisas do Dr. Cyril Del Rey com massas biológicas. Em apenas uma década seus experimentos no cultivo de tecidos humanos clonados resultam na criação da mais nova obsessão de consumo popular, o primeiro elo da cadeia tecnológica que finalmente permitiria à humanidade pôr fim em si mesma, livre de culpa. Com anúncio imediato nas TVs americanas, começam, nos Estados Unidos da América, as vendas das OMGIRLS:

Você está deprimido? Você sente que a vida lhe deve alguma coisa?
 Você tem desejos ocultos que não ousa contar nem para sua mulher?
 Então compre uma OMGIRL! É melhor que a natural.
 Dê vazão aos seus instintos.
 É mais barato do que você pensa.
 Seu vizinho, a esta altura, já deve ter uma. Fabricada pela Illinois Co.
 Aprovada pela Federação Industrial do Sagrado Governo Americano.
 (REGINA, 2019, pp. 22-23)

Essencialmente escravas sexuais feitas sob medida, as OMGIRLS (*organic mass girls*) são compostas de tecidos biológicos cultivados em laboratório e animadas por cérebros artificiais, produzidos da mesma maneira e treinados digitalmente para realização de atividades simples. Contra seus corpos, toda e qualquer forma de violência é permitida. Por sua artificialidade, é negado a elas o direito à vida, à identidade e o controle sobre seus próprios corpos, são consideradas nada além de bens de consumo pertencentes a seus donos. Sua causa é imediatamente abandonada pela Sociedade Protetora dos Animais assim que essa se convence de sua fabricação inteiramente industrial e não natural, e até mesmo pela comunidade feminina que protestava sua exploração sexual, dissuadida pelo lançamento do modelo do sexo oposto, o OMMAN, que compartilha da mesma vulnerabilidade legal.

O esforço dessa sociedade tecnocrata para suprir todos os desejos de sua população levou à criação desse grupo sintético para ser vítima de uma exploração sem limites, que logo se expande do campo sexual para os demais da sociedade. Já a partir de 2005 passam a ser colocados em atividade novos OMs mais distantes da

forma humanóide comum, projetados para realizar trabalhos manuais e burocráticos simples — como os presentes em “Pela Valorização da Vida” —, e a partir de 2011 os postos de trabalho com uma maior demanda intelectual e criativa começam a passar pelo mesmo processo, graças aos “OMs inteligentes” que surgem por conta de novas descobertas da neurociência sobre a programação de cérebros clonados. Greves e protestos dos grupos de trabalhadores substituídos, que vêm-se subitamente desempregados e com todo o seu mercado de trabalho ocupado por uma mão de obra sintética, barata e eficiente, são ignorados por sua nova irrelevância política. A réplica clonada, especificamente considerada sub-humana em qualquer aspecto que poderia limitar a liberdade de sua exploração, é humana o suficiente para substituir as funções que a humanidade busca evitar. Como colocado por Baudrillard nas discussões sobre a automatização que apresenta em *O Sistemas dos Objetos* (2004, p. 122):

Como o objeto automatizado “anda por si”, estabelece uma semelhança com o indivíduo humano autônomo e esta fascinação o empolga. Encontramo-nos diante de um novo antropomorfismo. Outrora os utensílios, os móveis, a própria casa traziam na sua morfologia, no seu uso, claramente impressos, a presença e a imagem do homem. Este conluio foi construído ao nível do objeto técnico aperfeiçoado, contudo foi substituído por um simbolismo que não é mais aquele das funções primárias mas das funções superestruturais: não são mais os gestos, sua energia, suas necessidades, a imagem de seu corpo que o homem projeta nos objetos automatizados, é a autonomia de sua consciência, seu poder de controle, sua individualidade própria, a ideia de sua pessoa.

O automatismo no fundo se apresenta como o equivalente, no objeto, desta superfuncionalidade de consciência.

Através da automatização de todas as atividades, a sociedade ausenta-se coletivamente de suas responsabilidades, sendo a tomada de decisões delegada pela tecnocracia, que vigora como ideologia administrativa, a uma racionalidade ilusória, voltada à maximização do prazer. Quando soma-se a isso o afastamento das relações humanas, substituídas pelo comércio de parceiros ideais projetados nos modelos perfeitos do desejo, cada indivíduo torna-se capaz de abandonar o mundo comum, de se colocar no centro de seu universo particular. Sobre os impactos sociais, no campo pessoal e no coletivo, o prefácio psiquiátrico de Regina (2019, p. 118) informa:

A sociedade neurótica é, por vocação, instável. A ação entrópica é a realizada pela camada da população de baixa renda, pressionando em busca do essencial. A entropia sempre vence. No futuro, todos (ou quase todos) os desejos serão satisfeitos, ou teremos a ilusão de haverem sido. A tendência é a exaltação do epicurismo. Todos nós seremos ídolos por um dia, como predisse Andy Warhol, quando falou

simbolicamente dos *quinze minutos*. A realimentação da estrutura social é positiva, levando-a a novas instabilidades.

As mudanças no cenário nessas poucas décadas são consideráveis. A taxa de natalidade cai rapidamente, compensada pelo aumento da expectativa de vida, e as comunidades começam a se dividir em núcleos menores, com circuitos fechados de tratamento da informação, compartilhados via sistemas de CATV interligados aos circuitos vizinhos. Cada indivíduo é rei em sua própria bolha, onde a maioria dos seus desejos podem ser hedonisticamente satisfeitos.

A Fase Paranoica²⁰, que duraria menos de uma década, começa em 2022, quando o cientista alemão Rolf H. Munchen descobre como conectar neurologicamente um OM ao seu dono, permitindo a ele total controle do corpo artificial e total acesso a suas emoções e seus sentidos. Com os novos modelos OMAG (OM-AGREGADO), a humanidade passou a explorar o limite das sensações extremas a partir do conforto e da segurança da própria casa.

Neste ponto, o narrador sem nome finalmente coloca a si mesmo como participante ativo da história. Ele conta como modificou e vendeu um *software* pirata que permite a conexão simultânea a múltiplos OMAGs, e, a partir de sistemas similares, a sociedade em geral passou a ser atormentada por grupos armados buscando prazer sádico, cada um controlada por um indivíduo humano singular. Sua própria equipe, a Tigres Assassinos de Los Angeles, conforme relata orgulhoso, realizou em três meses “sete estupros, oito mortes simples e treze mortes especiais, voluptuosas (REGINA, 2019, p. 25)”. Como ele mesmo coloca:

Um OMAG tudo pode: matar, ser morto, despertar as paixões sádicas ou masoquistas, comer de tudo, fazer o que o *Homo sapiens* não pôde nunca, e até o que ele nem chegou a sonhar. E sobretudo contatar mentalmente seu possuidor.

Tudo o que você pode dar a um homem que já tem tudo é outro homem. Possuir é ter quantas vidas quiser, quantos corpos sonhar, quantas mortes pulsar.

Melhor matar do que ser morto. (idem, *ibidem*)

Em uma reflexão da hipermodernidade apresentada por Gilles Lipovetsky (2004, pp. 55-56) — a era do hiperindividualismo, da maximização dos ganhos

²⁰ Do mesmo modo que a Fase Neurótica alude ao primeiro volume de *Cultura de Massas no Século XX*, de Edgar Morin (Cf. nota 17), as fases Paranoica e Catatônica relacionam-se ao conteúdo do segundo volume, *Necrose* (1975). Nele, Morin explora a crise da cultura de massa conforme ela se torna incapaz de satisfazer sua audiência, que passa a reconhecer suas fontes anteriores de felicidade como solitárias e insuficientes. Para manter seu público, a indústria cultural então movimenta sua produção de conteúdo para além do sentimento eufórico, aproximando-a das inquietudes e do mal-estar identificados e refletindo as ansiedades da população (MORIN, 2006).

privados e da dissolução das estruturas de regulação social —, toda a dor e toda a violência forçada ao outro é justificável pelo prazer da experiência pessoal. Como resultado, até o ano de 2029 cerca de 70% da população já foi exterminada, e o restante, fora do período máximo de catorze horas diárias que podem se manter conectado aos OMAGs, usa a televisão como escapismo para evitar ter que pensar no horror de suas ações. Como previsto pelo psiquiatra no prefácio: “Tudo o que tende a acontecer acontecerá no futuro. O Eu pode finalmente se libertar. Darei vazão a tudo o que pensei e nunca tive coragem de fazer. Descubro o cabresto da minha mente e faço tudo que quis e não sofro as consequências (REGINA, 2019, p. 18)”. Notavelmente, conforme o “Eu” se liberta, o trecho muda dos termos gerais, sobre a sociedade, para o indivíduo, na primeira pessoa do singular. O coletivo é irrelevante, só o que importa é que o “Eu” dê vazão a seus instintos, seus caprichos, suas vontades, sem amarras ou responsabilidades.

E o desejo da liberdade absoluta é finalmente atendido em 2030, quando a Fase Catatônica é inaugurada em um novo comercial de TV:

A sua vida é bem comum e você já está cheio dela, não é mesmo?
 Você não aguenta mais carregar seu fardo? Já se cansou dos OMs e dos OMAGs?
 Temos algo especial para você, que quer LUZIR!
 Venha para a LUMINÂNCIA!
 Telephrenos é a solução!
 Seja integralmente tudo o que você sempre quis ser!
 Atualmente em quatro versões:
 1. Motoqueiro Mau
 2. Tia Jocelyn
 3. Garimpérica
 4. Capitão da Luz
 Mais informações com a King Led's Co. (idem, p. 26)

Os avanços da neurociência permitidos pela clonagem permitiram o desenvolvimento de dispositivos portáteis reproduzíveis em escala industrial, capazes de completamente reescrever a psique humana a partir de modelos pré-programados. O ser humano não mais precisará se preocupar com qualquer escolha, tendo feito da própria mente a máquina ideal, capaz de realizar as fantasias e no processo pôr fim a si mesma, quebrando o ciclo que gera mais e mais vontades. E como linha comum entre todos os modelos de identidade, seu usuário é liberado de qualquer culpa:

O Motoqueiro Mau é um arquétipo violento, agressivo, que se deleita com a crueldade até colidir sua moto com uma parede “na morte mais gloriosa que você jamais pôde sonhar (idem, p. 27)”, livre de remorsos. A Tia Jocelyn é uma figura

desconfiada, traiçoeira, *voyeur*, projetada para matar a si mesma em um suicídio coletivo com seu grupo de amigas, em uma festa do chá regada a cianureto, livre de remorsos. As Garimpéricas (ecos do arquétipo do Garimpeiro da América, em busca de ouro no deserto), buscam riqueza garimpando a terra pura, até matarem umas às outras com picaretas pelo roubo de seus tesouros, livres de remorsos. E os Capitães da Luz, desconectados de qualquer lembrança de suas crueldades passadas, recontam seu heroísmo imaginado antes de saltar de prédios altos, voando rumo ao duro asfalto e à glória da eternidade, livres de remorsos. Cada opção um caminho autodestrutivo em direção ao fim do gozo, à morte prevista pelo psiquiatra da “civilização do *Homo sapiens*”:

Não queremos mais o fardo do Eu. Quero abolir totalmente a própria volição. Completei a minha herança psicótica realizando-me plenamente, destruindo a minha psiquê. Agora posso pertencer à massa arquetípica dos meus ancestrais e me fundir no cadinho comum da raça humana, abolindo-me (REGINA, 2019, p. 18).

O verdadeiro produto que a LUMINÂNCIA oferece é a morte perfeita, enfrentada de frente pela versão ideal comercialmente produzida, anunciada e vendida de quem você gostaria de ser. Sua existência pessoal, única, humana, é uma mancha a ser apagada do universo, incapaz de encontrar satisfação mesmo em seus desejos mais profundos e perversos. Como apontado pelo redator psicótico-hebefrênico em “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo”, durante seus delírios, a única liberdade real que um consumidor absoluto pode encontrar está na morte, no consumo final de si mesmo. Na sociedade atual, existir é consumir, então não há outro caminho. O que há, na “Pequena História da Humanidade”, é um fim perfeito: livre de culpa.

Outro dos contos, “MOMA: Minha Organização Mundial dos Animais”, exemplifica a linha de histórias que evitam as temáticas usuais de trabalho e consumo para discutir diferentes assuntos. Neste caso sendo centralizada a posição humana em relação ao meio-ambiente. Uma das raras ocasiões em que um futuro previsto nas narrativas de Regina se aproxima mais do utópico que do distópico.

Oferecendo contraposição a outro texto da antologia — “A Oportunidade Perdida por Uns é a Oportunidade Ganha por Outros”, onde uma raça alienígena visita a Terra à procura de criaturas inteligentes para comunicação, mas acaba decidindo pelo extermínio total dos seres humanos, compreendidos como um grupo destrutivo e sem consciência, além de um obstáculo ao possível progresso dos outros animais —

, “MOMA” ilustra um futuro onde o homem fez as pazes com seu meio. Neste cenário quase fantástico, a Terra foi aceita pelo Conselho Intergaláctico como um planeta membro da “comunidade universal”. Como condição, no entanto, a posição no conselho precisa ser ocupada por uma Organização Mundial dos Animais do Planeta Terra, com assentos para representantes de cada uma das sete espécies inteligentes que coabitam o mundo. A narrativa trata, então, dos discursos de posse dos escolhidos, que declamam sua jornada pessoal e o progresso coletivo de sua espécie, rumo ao seu estado atual. Como Regina explica ao final, na seção “Como Escrevi este Conto”, não utilizando o formato de uma fábula do tipo “no tempo quando os animais falavam”, mas como uma narrativa futurista do tipo “quando finalmente os animais falarem” (REGINA, 2019, p. 157).

O primeiro a discursar é o Papagaio, que relembra seu passado de imitador, sempre repetindo as palavras alheias, sem jamais refletir sobre si mesmo. No presente, alcançou seu crescimento pessoal ao aprender a não só ouvir, mas a também pensar sobre as relações entre todos os seres, e sobre as experiências que eles compartilham. Encontrou a felicidade e a paz de espírito em seu novo papel, de espalhar ao mundo suas visões sublimes da existência coletiva. Parte da simbologia associada à figura do animal reflete de forma notável sua narrativa na história: na tradição popular, seu nome é utilizado como figura de linguagem para se referir a um indivíduo que apenas reprisa palavras e ações decoradas, sem refletir sobre seu significado. Em oposição a esta imagem, o “papagaio futuro” de Regina se reúne às demais espécies inteligentes quando desenvolve a capacidade de ponderar antes de falar, de ser mais que um mero copiador.

Em seguida, discursou o Hipopótamo sobre seu amadurecimento, sobre seu abandono da pressa e do alvoroço da juventude quando foi apresentado às inevitáveis dores da vida, necessárias para o contraste que ilumina a felicidade. Em sua nova maturidade, ele reconheceu a beleza da expressão pela arte em todas as suas formas, e passou a compor suas experiências em espetáculos apresentados em inúmeros ninhos. Agora aprecia o estado de bem-estar junto a seu povo em seu meio natural, entre os rios e os baobás:

Lama escura sobre teu dorso possa escorrer em boa poesia. Abro neste momento meu ninho aos demais amigos: a tepidez da terra e a forma amiga da água, o corpo ameno do colega e o alarido das crias pequenas.

Um hipopótamo não faz verão, pesa sozinho as quatro estações; engole um céu inteiro; canta a totalidade das melodias e engole num bocejo toda a melancolia que possa resistir.

Tonelada de alegria percorre a savana quando avisto o cálice que a todos sacia. Encontrei o criador, fui feito de lama, à sua imagem e semelhança.

Sou de lama, e à lama retornarei quando for pó. Aí não terei mais corpo, alma só. (REGINA, 2019, p. 144)

Simbolicamente, a narrativa do hipopótamo se relaciona à sua imagem no Egito antigo, em ambos os seus aspectos divinos: o masculino, associado à violência do deus Seth, por sua agressividade e territorialidade, e o feminino, associado à deusa Tawaret, símbolo de maternidade e cuidado com os filhotes. O “hipopótamo futuro” de Regina superou as suas piores características e cultivou as melhores, voltando-se então à arte e à comunidade, ao invés do conflito.

A Ostra, discursante seguinte, descreve sua experiência como ser imóvel, naturalmente presa a uma pedra em meio ao mar. Suas falas refletem sobre sua inércia não em termos de limitação, mas como um fulcro para seu espírito, que viaja e pondera no espaço acima. Da altivez de seu ponto de vista, ela aprendeu a ver o mundo em tons de cinza, fora dos limites dos extremos, e sempre no presente, pelo futuro ser incerto e o passado impalpável. A tranquilidade da vida entre as outras ostras com quem compartilha sua rocha é tudo o que importa:

E por falar em areia, pensai vós, mortais, em pérolas luminescentes? Abandonai essas ideias, pois a pérola está para a ostra como o verso para o poeta, ambos frutos da dor imorredoura. Tentativas vãs de isolamento ao que nos fere em nosso principal, ao convívio paciente com o cilício e a superação do sofrimento pela persistência de sua intensidade. Cultivo a quietude como bem maior.

[...] O maior entre vós, ó homens, afirmou: Estou em plena paz com o mundo! Esse também é o ideal da ostra. Buscamos a harmonia e a prazerosa inserção no meio ambiente que nos cerca.

Feliz é a ostra que pode ver simultaneamente o fundo rochoso do mar e o azul cristalino do céu, sobre o lençol de água morna. (idem, p. 146)

Na representação narrativa, ela foi valorizada não por alguma simbologia própria, mas em oposição à simbologia de suas pérolas. A pérola, no imaginário popular, representa o valioso resultado de esforço e sacrifício, porém para o animal ela é apenas uma sequela do doloroso processo de isolamento de um corpo estranho em seu interior. Em sua evolução, a “ostra futura” aprendeu a se valorizar não pelo fruto de suas dores, mas por sua existência própria, ainda que esta seja estática e imóvel, distinta dos outros seres.

A seguir, disse a Aranha conselhos às suas companheiras de espécie. Do abandono do receio e dos pavores ao cuidado para com as crias, herdeiras do trabalho de todos os antepassados e guardiãs do futuro da coletividade. Falou de contato e de conexão, de gratidão e sobretudo de comunidade. Não só entre seus iguais, mas também com todos os diferentes: “Lembra que todas as espécies sobre este pequeno planeta que habitamos são irmãos. A mesma corda nos ata do berço ao leito de morte (REGINA, 2019, p. 150)”. Em suas palavras, a teia transita do material ao metafórico, numa visão do espaço coletivo sendo sustentado por vários nós, que precisam ser igualmente cuidados para que se evite o desabamento. Simbolicamente, a “aranha futura” levou sua imagem, da criatura dedicada em construções delicadas, ao espaço emocional, se tornando tecelã dos fios simbólicos que interligam todos os seres.

Cantou então o Golfinho, declarando seu amor ao mar. Falou dos poemas de seu povo, das odes às águas, golfos e falésias, das sinfonias de cardumes. Contou da memória coletiva dos ancestrais transportada pelas correntes, e da profundidade do espírito a ser encontrada no profundo abismo. Pediu que o amor seja a força que move o mundo, da mesma forma que move os golfinhos, seja pelo caminho terreno da existência, ou pelo etéreo, dissolvido nas ondas. Em sua representação mitológica grega, a espécie é caracterizada como composta de guias marítimos, resgatando náufragos e levando mensagens ao deus Poseidon. No conto de Regina, o “golfinho futuro” encontrou sua divindade no próprio mar, não mais sendo guia, apenas sujeito às ondas e correntes, aproveitando a jornada.

A Gaivota, próxima discursante, contou de suas tentativas de isolamento, de seu uso dos céus para separar a si mesma do sofrimento terrestre, e da necessária jornada em que precisou embarcar para educar a si mesma sobre a empatia para com todos os seres. De sua posição livremente transitória, sempre movendo-se entre o céu, a terra e o mar, se vê como tendo a liberdade de tocar a todos e a obrigação de guiá-los em suas viagens, apontando a terra firme, a certeza de fundações, neste mundo, e fora dele:

Avícola solitária, também teu é o meu canto. Revoada tonitruante, pare por um momento. Deixe o instante consumir-se, lentamente. Pássaro com o coração congelado, ouve. O bando todo, escuta, que a voz mais circumspecta fala pelo meu bico. Chegamos ao limiar da Nova Era. A ordem celeste alinhou-se. É tempo de migração, não para outras plagas, mas para outras esferas.

Deixem esta alma nômade seguir seu curso. Novos mundos nos chamam. (idem, p. 154)

Seu simbolismo literário a associa à liberdade, à falta de preocupações, porém, no conto de Regina, a “gaivota futura” vê em seu comportamento anterior uma separação voluntária do mundo compartilhado, uma negação das responsabilidades de sua posição. Para ela, o crescimento pessoal envolveu a aceitação de sua função, o abraçar do papel de guia.

Por fim, discursou o homem sobre sua jornada de absolvição, sobre seus regressos e sua ascensão, sua transformação em alguém melhor para o mundo e para si mesmo, para seus semelhantes e para os diferentes. A correção de seu caráter permitiu uma existência continuada e mais feliz a todo o planeta, do mesmo modo que a sua falha teria precedido o fim de todos. Como primeira espécie inteligente, foi dever da humanidade garantir a mesma chance às outras, e em meio a tantos futuros onde o fim foi inevitável, dessa vez foi possível alcançar o infinito, graças ao fim do orgulho e da vaidade, à mudança do olhar do Eu para o Outro:

Com a plena consciência da limitação do meu corpo físico, peço a oportunidade de transcendê-lo. A caminhada não termina com a chegada do primeiro homem, mas com o derradeiro. Eis porque me apresento como o último dos últimos.

Avisto as costas do meu companheiro e me encho de júbilo, pois a nossa missão é o próximo. Que eu viva para dar alegrias e possa receber alegremente a dor. Que é da flor sem o vaso?

(REGINA, 2019, p. 155)

Tomou o papel de expiar sua culpa, para garantir um amanhã melhor. Aceitou, enfim, suas responsabilidades, ao invés de procurar distrações e desculpas, de construir totens para terceirizar suas decisões.

Tenho a sola dos pés em carne viva, mas meu corpo é são. Todas as sendas levam ao porto único da liberdade. Toda a matéria ao espírito converge.

Carrego a culpa e a alegria da espécie inteira. Os crimes do homem em sua trajetória sobre a face do planeta, e os pecados cometidos e os planejados, a busca insana e a violência constrangedora, o medo irracional e o preconceito, enfim, a dor. (idem, ibidem)

Suas palavras se transformam, ao fim, em discurso quase religioso, aproximando a ficção científica do cristianismo ao criar a figura de um Jesus futurístico, que carrega todos os pecados modernos da humanidade. Agora que a apoteose mundial foi atingida, levando os cidadãos do planeta a um paraíso espacial, seu castigo pode cessar: “O lugar é teu, Homem. Completaste o caminho. E finalmente posso olhar de frente a face de meu Pai (idem, p. 156)”.

O último conto do livro, escrito mais recentemente, também compartilha desta mesma ideia da humanidade alcançando um futuro espacial, porém, desta vez,

utilizando de meios mais comuns à ficção científica, e através de um caminho sem mudanças de comportamento ou perspectiva. Em “Zé e as Formiguinhas Ilustradas”, o ponto principal da história é justamente a manutenção do Brasil tradicional, atual e possivelmente atemporal, não importa quanto tempo passe. Em suas páginas, o protagonista Zé — tão mal nascido e sem importância que não necessita de identificações maiores — realiza sua jornada de trabalho como oficial da ponte de comando da espaçonave brasileira José de Anchieta XXIII. Apenas mais um espaçonauta de baixo escalão entre tantos outros, viajando rumo a uma missão civilizatória no quarto planeta do sistema de Aldebarã, terminando seu turno em uma madrugada qualquer do ano de 2444, quando o controle da cabine é subitamente tomado por uma rebelião de formigas lava-pés que tenta confiscar a nave, armada com dolorosas mandíbulas e uma fundamentação intelectual de esquerda.

Formando palavras nas paredes de metal com suas colunas de tropas, o Comando de Libertação das Formigas (COLIFO) negocia a tomada de poder com aquele que acreditam ser o líder da população humana. Na realidade, o pobre Zé apenas mentiu a eles sobre sua posição e colocou em prática o treinamento de situações de sequestro que recebeu na Escola Superior de Aeronáutica, na esperança de ser recompensado com uma promoção ao cargo de Tenente. As reivindicações dos insetos, anunciadas pelo líder, Urutu Branco, são claras:

- a) Um espectro ronda a nave.
 - b) Todo poder emana das formigas.
 - c) Mais verba para nossa educação.
 - d) Rebatizar essa nave com o nome de Paulo Freire.
 - e) Colocar um pôster de Lygia Fagundes Telles no hall principal, pois vocês humanos são um Seminário dos Ratos.
 - f) Formiga unida jamais será vencida.
 - g) Um pote de melado todo dia, que será deixado aberto no Porão C3, Sala Q4.
 - h) Banir toda cigarra que porventura cantar, exceto aquelas que louvem a revolução do proletariado formigueiro.
 - i) Tomada geral da nave quando de sua aterrissagem em Aldebarã IV.
- (REGINA, 2019, pp. 256-257)

Uma lista que, apesar de zelosamente construída pelos pequenos idealistas, foi rapidamente destrinchada pelo analista como um punhado de não problemas: os itens A, B, C e F são mais estéticos que práticos, simples *slogans* políticos decorativos; os insetos não possuem meios de checar o nome da nave; o pôster passaria completamente despercebido entre as fotos de amigos e familiares dos tripulantes na parede do hall principal; o melado não faria falta nos estoques e a sala

desejada poderia ser facilmente isolada sem que sejam afetadas as operações diárias; e mesmo as cigarras já foram extintas do local, exterminadas pelo próprio formigueiro em sua revolução. A única questão real é a última, mas quando a nave chegasse ao seu destino, dali a quarenta e cinco dias, o problema já teria saído de suas mãos, repassado à capitã Eliane, e ele poderia já estar promovido.

De sua alta e bem informada visão, ampla demais para ser alcançada pelas formigas, as demandas eram pequenas, as atividades insignificantes. Os revolucionários diminutos, de forma semelhante aos pobres atuais, não afetariam a nave de forma significativa antes que fosse tarde demais, distraídos com seus minúsculos espólios no pequeno território conquistado. Mesmo com todas as suas leituras e toda a sua bagagem cultural, mais profundas que as do sargento de poucos estudos, o conhecimento que tinham da situação geral ainda se manteve pequeno demais para fazerem alguma diferença. Toda a sua rebelião só pôde existir em um microcosmo social abaixo do comando real da sociedade humana, refletindo as mesmas condições dos menos corajosos homens acima delas. Homens como o protagonista, que ainda acreditava no mito da escalada social, e estava inteiramente disposto a sacrificar o futuro das formigas inteligentes para garantir a própria ascensão.

Em seus sonhos de progresso profissional, Zé esqueceu que, por conta de sua baixa posição na hierarquia, jamais receberia as congratulações por seus feitos, que seriam atribuídos a seus superiores. A meritocracia é uma ilusão, a pirâmide social não se move, e, no fim, sua estadia no topo jamais deixaria de ser imaginária:

Zé, em seu devaneio, nem percebeu que a hora de seu turno terminara. Zé Brasil então levantou, e nem percebeu que o coronel Tatuíra havia chegado para de fato comandar aquela gloriosa astronave.

Zé, cujos avôs tinham sido lavradores na Terra ressequida, não percebia que os regimes vão e vêm, mas os pobres de outrora continuarão sendo os pobres do futuro. (REGINA, 2019, p. 258)

No futuro descrito na narrativa, onde há muito foram ultrapassadas as barreiras geográficas para além da Terra e do sistema solar, o Brasil se mantém perpétuo na cultura e na consciência social:

As personagens são nomeadas seguindo padrões de nomes nacionais, com uma dedicação frequente de explicação das origens linguísticas e significados como forma de expansão da caracterização. A “robota” que serve à ponte de comando,

Hermengarda²¹, é uma serviçal descartável de metal. O chefe direto acima do protagonista, tenente Leocádio²², era um líder bruto, de mau humor noturno e que odiava ser acordado de seu descanso. A capitã Eliane²³, era a grande responsável pela espaçonave, a líder máxima. A sargento Roberta²⁴, conhecida pela beleza de suas nádegas. Uma sequência de explicações das raízes estrangeiras que contrasta com a ausência nas brasileiras, dos nomes inspirados em personagens, estes regularmente nomeados em homenagem a animais. Como o líder do formigueiro, Urutu Branco, inspirado no personagem de *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, em sua fase de liderança, comandante de seu próprio grupo de jagunços; ou o coronel Tatuíra, apelido dado ao chefe comparando-o ao dono de terras em *Zé Brasil* (1947), de Monteiro Lobato, que acumula propriedades suficientes para mais de uma centena de famílias carentes, vilão do pobre Zé titular em ambas as obras.

Até o nome de batismo do próprio Zé de Regina permanece em mistério, sem que sejam dadas suas origens, porque elas simplesmente não importam. Apesar de conhecermos a figura, jamais é explicada sua alcunha. O Zé é Zé por ser comum, popular, genérico:

É claro que você conhece o Zé. Todo mundo conhece algum Zé. Zé Rico, Zé Pobre, Zé Pequeno, Joe Carioca, Joe Coffin, Zé do Boné, Zé Ramalho, Zé do Caralho, Zé Preguiça, o primo Zé, Zé Mané, no mínimo o Tom Zé, o Zé Latinha, o Zé Ninguém.
 Recomeçando: Zé Ninguém estava na ponte de comando. (REGINA, 2019, p. 253)

O Zé se faz universal por sua simplicidade, sua generalidade. O Zé é qualquer Zé do Brasil, mesmo que venha de ou esteja fora dele — como o “Joe Carioca”, personagem norte americano Zé Carioca representado por um papagaio brasileiro, ou o “Joe Coffin”, brasileiro Zé do Caixão com um sucesso que alcança para além do país. E em seus sonhos de “crescer na vida”, o Zé da nave se imagina como um Zé maior: um novo Zé Dirceu comandando as formigas, ou um Zé do Egito ao lado do faraó, ou um Zé Stalin liderando a galáxia. Preso às semelhanças, ele se esquece das diferenças, não se lembra que esses outros não são Zés, são dois Josés e um Joseph. O Zé é menor, mais simples, mais humilde, mais singelo. É um Zé brasileiro que,

²¹ Nome de origem teutônica, que significa “aquela que protege”. REGINA, 2019, p. 253.

²² Nome de origem espanhola, que significa “relativo ao leão”. Idem, p. 255.

²³ Nome de origem latina, que significa “bela como o sol”. Idem, p. 257.

²⁴ Nome de origem teutônica, que significa “famosa e gloriosa”. Idem, ibidem.

mesmo enquanto atravessa o espaço sideral, ainda janta baião de dois e come um bolo de mandioca com leite condensado de sobremesa. Um Zé que, mesmo estando mais de quatro séculos no futuro, ainda escuta na ponte de comando as palavras cantadas por Tom Zé em *Parque Industrial*: “Porque é *made, made, made, made in Brazil*”.

Da mesma forma, as formigas são também definidas como brasileiras pela cultura. Além de serem liderados por um Urutu Branco, comparam os humanos a um “seminário dos ratos” (tirado do livro de contos do mesmo título, da autora Lygia Fagundes Telles, publicado em 1977), por sua disposição em aniquilar seus possíveis “inferiores” enquanto partilham entre si de toda a fartura, e pela necessidade de uma revolta para derrubá-los e reparti-los às massas. Na própria chegada, elas anunciam sua presença e suas razões citando Mário de Andrade (*Macunaíma*, 1928): “Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são”. São, ao mesmo tempo, colocadas narrativamente em duas posições de metáfora: Para o Zé, elas são as saúvas, a praga que surgiu e se manteve no país pela falha no tratamento do problema pelos indivíduos responsáveis — o conto faz questão de explicá-las como tendo surgido na nave por problemas da construção feita por uma parceria público-privada, com um contrato superfaturado e remoção de partes essenciais do controle de qualidade pelos empreiteiros, problemas frequentes brasileiros, e tendo se tornado tão inteligentes pelo uso excessivo de defensivos agrícolas, que resultou na proliferação exclusiva das variedades mais resistentes. Para si mesmas, no entanto, elas são o Brasil, que precisa se livrar da praga humana, precisa remover esses parasitas para finalmente poder colher os frutos da terra.

Nas intertextualidades, são construídas as imagens múltiplas de todas as partes da pirâmide social, vistas umas pelas outras: do tenente Leocádio, ao Zé, até as formigas. Os dois mais altos, pisando no degrau de baixo. Os dois mais baixos, tentando subir ao degrau acima. O Zé no meio, numa posição típica da classe média descrita por Marilena Chaui (2013), ignorando a própria responsabilidade pelos problemas do sistema, barrando a revolta da classe abaixo enquanto projeta toda a culpa na classe de cima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto da obra de ficção científica de Ivan Carlos Regina é pautado, acima de tudo, pelo homem e suas relações, sejam elas consigo próprio, com o outro ou com seu meio. Em seus textos, as qualidades mais humanas dos personagens — mesmo quando estes são categoricamente marcados por sua inumanidade, como animais, máquinas, alienígenas ou construtos biológicos feitos de células clonadas — são, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos, a força motriz da história. O que a humanidade tem de melhor, de pior e de mais banal a oferecer impulsiona cenários alternativos e aponta possíveis destinos de ascensão suprema ou ruína absoluta.

Acompanhando a transformação e o amadurecimento da escrita do autor, também avançaram seus pontos de vista, suas distintas formas de abordagem, seu tratamento dos eixos temáticos comuns à maior parte de suas histórias:

A alienação surgida na esfera do trabalho, tema presente desde o primeiro conto do autor, começa sendo abordada através da alegoria de trabalhadores como máquinas autossuficientes que existem apenas para cumprir suas funções, sendo-lhes negados qualquer tempo ou satisfação pessoais, em “Pela Valorização da Vida” (1993, pp. 11-12). Essa imagem chega a ser replicada em outros textos — como no satélite poeta de “O Robô Que Era Chato de se Ouvir e Todo Mundo Evitava Sua Frequência” (1993, pp. 71-72); ou o programa de controle da nave espacial em “Amor de Lata Não Mata” (2019, pp. 29-31); ou mesmo o computador inteligente de escrita de ficção que se torna filósofo, em “Teviterone” (2019, pp. 165-171) —, porém também é expandida. “Pequena História do Passado” (2019, pp. 17-28), por exemplo, retratata a substituição de trabalhadores humanos pelo novo maquinário biológico, citando a forma como os sindicatos que protestavam foram ignorados por seus membros não serem mais necessários àquela sociedade, e outros textos — como “Mais Um que Passa Mal na Terceira Estação Espacial” (2019, pp. 77-79), com um soldado que implora para ser dispensado, e “Rosa dos Ventos de Luz” (2019, pp. 159-164), com um grupo de amigos que deixa para trás a vida moderna para fundar uma comunidade alternativa junto a alienígenas — estendem o conceito para seres humanos literais.

Junto à alienação pelo trabalho, o autor também discute amplamente a alienação pelo consumo. Histórias como “A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo” (1993, pp. 13-18) e “Acúmulo de Skinnot em Megamerc” (1993, pp. 33-36) exemplificaram a homogeneização da população através da produção e do marketing

de bens de consumo, enquanto “Um Homem Porra Louca Tempo Demais” (1993, pp. 23-27) demonstrou a impossibilidade do uso dessas mesmas ferramentas para a derrubada do sistema. As pobres “pragas humanas” do MEGAMERCADO podem ter sido uma amostra inicial da decadência física e psicológica trazida pelo consumo enquanto centro de uma sociedade, porém os controladores de OM-Integrados da “Pequena História do Passado” (2019, pp. 29-31) estenderam o princípio para também o consumo de experiências (uma vez que a tecnologia passou a permitir a expansão dos sentidos a corpos externos). Os perfis de personalidade homicidas/suicidas da LUMINÂNCIA podem ter sido o último caso da expansão da ideia da morte como expressão máxima do consumo, mas essa proposição foi antes introduzida pelos delírios hebefrênicos de Alfred Car, quando este fez de si mesmo “consumidor padrão” e “consumidor patrão”, e continuada em “O Fruto Maduro da Civilização” (1993, pp. 79-82), história titular da primeira coletânea, que tinha como o “fruto” a personificação dos piores impulsos e desejos da raça humana, espalhando pragas, desgraças e poluentes para levar a todos consigo para o túmulo, a partir da descoberta da inevitabilidade do próprio óbito pelas mesmas causas.

Também a manutenção de estruturas e instituições de poder em futuros longínquos e realidades paralelas se destaca como tema recorrente. Além dos indigentes skinnot como indivíduos desumanizados por sua pobreza, em meio a uma sociedade livre de escassez, a “Carta de um Colono Papageno” (2019, pp. 83-85) apresenta a perpetuidade da falta de qualidade de vida das classes baixas em uma colônia espacial (bebendo a mesma cerveja barata em um bar ruim, na face de um planeta desconhecido) e “O Último dos Bagos Roxos” (2019, pp. 109-114) responsabiliza um pobre analfabeto por todas as mazelas da nação, enquanto o protagonista vive de usar sua riqueza e influência política para tirar proveito de todas as situações em que se encontra. Os benefícios do dinheiro sobre o sistema permanecem eternos, não importa o quanto todo o resto mude, como foi sintetizado nas experiências que levaram Richardo Chaos à formulação de seu segundo postulado: “Você é tão menos louco, quanto mais dinheiro você possua”. Provérbio este expandido em “Ressuscitol[®]” (2019, pp. 123-125), através do novo medicamento para trazer mortos de volta à vida, que possui um custo e um imediatismo da aplicação tão proibitivos que só os mais abastados terão acesso; “Le Dernier Canard” (2019, pp. 239-259), em sua França futurística com leis contra o consumo de animais, facilmente trapaceáveis pelos ricos e pelos educados o bastante nas especificidades legais; e

“Zé e as Formiguinhas” (2019, pp. 251-258), com os descendentes de linhagens influentes se mantendo no topo da hierarquia, mesmo no distante futuro da aventura espacial. E ainda que “Amor, Que Seja Eterno Enquanto Dure” (1993, pp. 73-74) se concentre mais na continuação e piora da repressão a opositores do regime político, também inclui, através da objetificação feminina em termos da capacidade reprodutiva, a persistência futura da opressão patriarcal. Persistência essa compartilhada por outros contos, como “O Inesperado Harém do Comportado Olavo” (2019, pp. 19-21), onde uma personagem clona a si mesma uma vez a cada década, para manter o interesse do marido através de um estoque de parceiras sexuais jovens e inexperientes; “Pequena História do Passado” (2019, pp. 17-28), com as OMGIRLS como produto inicial e a adição dos OMMAN apenas após protestos femininos; e “Trágico Engano” (2019, pp. 73-76), onde um casal dá como presente ao filho de doze anos uma robô erótica, em uma continuação futurista da tradição retrógrada de pais levarem filhos jovens a prostíbulos para sua iniciação sexual.

O tema mais intensificado na obra de Regina, no entanto, é o do impacto potencial do homem sobre o meio-ambiente. Inicialmente apenas um elemento para contextualização de cenários, como em “Pela Valorização da Vida” (1993, pp. 11-12), onde uma das motivações para o uso de partes clonadas como máquinas foi o esgotamento dos depósitos naturais de metais condutores, ele tem ganhado importância cada vez maior nas histórias subsequentes. Em “Um Homem Porra Louca Tempo Demais” (1993, pp. 23-27), o autor introduz pela primeira vez um protagonista defensor dos direitos dos animais, mas narrativas como “T-Vírus” (1993, pp. 43-47) e “Jack and Mack” (2019, pp. 35-37) levam o princípio moral do vegetarianismo ao nível de necessidade, com enredos baseados na ameaça de microrganismos transmitidos através do consumo de carne. “A Oportunidade Perdida Por Uns é a Oportunidade Ganha Por Outros” (idem, pp. 61-64) ainda vai além, descrevendo a chegada de uma raça alienígena que extermina a espécie humana para garantir aos outros animais do planeta a chance de desenvolver inteligência e sociedades próprias. Na história “O Caipora Caipira” (1993, pp. 47-51), o protagonista, Abauê, pode ter devorado poluentes e renovado a mata atlântica apenas como uma forma a mais de libertar o Brasil de influências estrangeiras e de devolver ao povo os recursos naturais perdidos, mas em sua continuação, “O Filho do Caipora Caipira” (2019, pp. 45-51), uma de suas crianças, Mâkãpyxowa, possuidora de maior contato com suas raízes indígenas, é posicionada como defensora da natureza e recebe, em troca, os frutos da terra em

abundância. E ainda que alguns contos apontem a catástrofe ambiental como destino do planeta — como “Quem Viver Verá” (1993, pp. 63-67), onde, duzentos anos no futuro, é causada pelo homem uma catástrofe ambiental tão grande que a fome e as guerras por alimentos que se seguem reduzem a população em 80% —, um número consideravelmente maior sugere a possibilidade de impactos positivos desta relação. Em “Zimbório do Novo Homem” (2019, pp. 173-180), por exemplo, governos internacionais reconhecem a responsabilidade coletiva pela devastação do planeta, enquanto “MOMA: Minha Organização Mundial dos Animais” (2019, pp. 139-158) sugere um futuro onde a humanidade guia outras espécies da Terra ao seu nível de inteligência e, juntas, todas alcançam a elevação ao cenário cósmico.

Por fim, seguindo o desejo de elevação da brasilidade na ficção científica, descrito em seu manifesto, o autor mantém um constante apelo a aspectos da cultura nacional em contos diversos. “Quem Viver, Verá!” (1993, pp. 63-67), por exemplo, cita, seis séculos no futuro, a primeira espaçonave tripulada para fora do sistema solar sendo enviada por um “Consórcio de Cooperação Luso-Brasileira”; enquanto “Amarelo e Vermelho” (2019, pp. 133-138) mantém o uso de nacionalidades terrestres (brasileira, italiana, portuguesa, etc.) em uma sociedade que já se tornou multiplanetária; e “Santos F.C.” (2019, pp. 85-89) discute a preservação do futebol como esporte e espetáculo, com o time titular sendo mantido em sua formação mais icônica para entretenimento das colônias interplanetárias através do uso de jogadores robôs. Obras culturais específicas também chegam a ser referenciadas, ou até mesmo citadas diretamente em histórias como “O Caipora Caipira” (1993, pp. 47-51), “O Filho do Caipora Caipira” (2019, pp. 45-51) e a recentemente discutida “Zé e as Formiguinhas” (2019, pp. 251-258).

De forma geral, os escritos do autor cumprem com suas aspirações de representação cultural, tratando de cenários, personagens e situações brasileiros em ampla quantidade, ao mesmo tempo em que discute e propõe reflexões sobre questões sociais de importância coletiva, mantendo-se relevante no cenário moderno. Além de ter sido, no caso das publicações das décadas de 1980 e 1990, um grande marco da assim chamada Segunda Onda da ficção científica brasileira, a obra de Ivan Carlos Regina manteve seu propósito questionador, sem jamais perder sua originalidade, irreverência e humor.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS²⁵

ALLEN, L. D. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus, 1974. p. 5-20.

ARAÚJO, N. S.; BRANCHE, J.; OLIVEIRA, R. de C. Apresentação. *In: Abordagens críticas literárias modernas: reflexão sobre a mente, o corpo, a memória e a máquina*. São Luís, EDUFMA, 2022, pp. 9-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363582518_Abordagens_Criticas_e_Literarias_Modernas_reflexoes_sobre_a_mente_o_corpo_a_memoria_e_a_maquna. Acesso em: 30 mar. 2024.

ASTI VERA, A. Metodologia de pesquisa científica. Porto Alegre: Globo, 1979.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 2. reimp. 4. ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.

BELL, A. L.; MOLINA-GAVILÁN, Y. Introduction: science fiction in Latin America and Spain. **Cosmos latinos: science fiction in Latin America and Spain**. Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2003. pp. 1-19.

BRANCO, M. S. Somnium e a segunda onda da ficção científica brasileira. *In: Clube de Leitores de Ficção Científica*. São Paulo, [20--], n.p. Página de website arquivada em 9 jul. 2023. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230709052616/https://www.clfc.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BRANCO, M. S. Ventos de mudança: a ficção científica brasileira e a transição democrática. *In: Semina: ciências sociais e humanas, [S. l.]*, v. 34, n. 2, pp. 131–148, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/15087/14378>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAUSO, R. de S.; GINWAY, M. E. Discovering and re-discovering brazilian science fiction. *In: Extrapolation*, vol. 51, n 1, pp. 13-39, 2010. <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/90801127/extr.2010.51.1.320220908-1-1tfxn9-libre.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CAUSO, R. de S. A Primeira Onda de Ficção-Científica Brasileira. **Terra Magazine**, 19 ago. 2006, n.p. Artigo eletrônico arquivado em 17 mar. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080317073837/http://terramagazine.terra.com.br/inter-na/0,,OI1100112-EI6622,00.html>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CAUSO, R. de S. Primeira onda ou nova onda?. **Ondas nas praias de um mundo sombrio: new wave e cyberpunk no Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. pp. 159-222. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-12032014-123051/pt-br.php>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CAUSO, R. de S. Tupinipunk: cyberpunk brasileiro. *In: Zanzalá: revista brasileira de estudos sobre gêneros cinematográficos e audiovisuais*, Campinas, vol. 8, n. 1, pp.

²⁵ De acordo com ABNT 6023 2018

105-119, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/37393/24288>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CHAUI, M. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, ed. 113, n.p., 27 jun. 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%ef%bb%bfas-manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 22 maio 2024.

CHAUVIN, J. P. A fala consumista (o supercliente na ordem do consumo). **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 139, p. 139-150, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/221969>. Acesso em: 29 maio 2024.

CHRISTOFOLETTI, R. A controvertida trajetória das Edições GRD: entre as publicações nacionalistas de direita e o pioneirismo da ficção científica no Brasil. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, [S. l.], v. 8, p. 208–225, 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/657>. Acesso em: 17 fev. 2024.

DUNBAR, D. L. **Unique motifs in brazilian science fiction**. Tese (doutorado em filosofia com especialização em espanhol), Department of Romance Languages, Arizona State University, 1976. Disponível em: https://repository.arizona.edu/bitstream/handle/10150/289377/azu_td_7619725_sip1_m.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 fev. 2024.

DUTRA, D. I. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. **Letrônica**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 222–232, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/5082/4626>. Acesso em: 17 fev. 2024.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FIKER, R. **Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?**. Porto Alegre: L&PM, [ca. 1985].

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2013.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. São Paulo: UNESP, 2014.

LEFEBVRE H. **Posição: contra os tecnocratas**. São Paulo: Nova Crítica, 1969.

LE GUIN, U. K. **A rant about “technology”**. [S. l.], 2005, n.p. Disponível em: <https://www.ursulaklequin.com/a-rant-about-technology>. Acesso em 2 jun. 2024.

LIPOVETSKY, G. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. *In*: LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. pp. 49-103.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: necrose**. Vol. 2, 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Vol. 1, 9. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

MURRAY, J. H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: UNESP, Itaú Cultural, 2003.

PEREIRA, F. da C. G. **Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.6493>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PITELLA JUNIOR, J. Anos 70 e 80: o lance era transar gírias bacanas. **Blog do Pitella**. 2014, n.p. Disponível em: <http://blogdopitella.hospedagemdesites.ws/?p=963>. Acesso em: 24 maio 2024.

REGINA, I. C. Depoimento de Ivan Carlos Regina. **Ficção científica brasileira**. São Paulo, 27 nov. 2018. Publicado online em antecipação ao evento “Ficção científica brasileira: 60 anos em manifestos”. Disponível em: <https://fcbrasileira.wordpress.com/2018/11/27/depoimento-de-ivan-carlos-regina/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

REGINA, I. C. **O éter inconsútil**. São Paulo: Patuá, 2019.

REGINA, I. C. **O fruto maduro da civilização**. São Paulo: GRD, 1993.

REGINA, I. C. Quem é Ivan Carlos Regina?. É Só Outro Blogue. [Entrevista concedida a] Tibor Moricz. **É Só Outro Blogue**, [S. l.], 15 mar. 2011, n.p. Disponível em: <https://esooutroblogue.wordpress.com/2011/03/15/quem-e-ivan-carlos-regina/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SMANIOTTO, E. I. **Eugenia e literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949)**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/100996>. Acesso em: 16 fev. 2024.

VÁZQUEZ, K. E. Brazilian cyberpunk and the latin American neobaroque: political critique in a globalized world. *In: Luso-Brazilian Review*, Madison, Winsconsin, vol. 49, n. 1, pp. 208-224, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lbr.2012.0005>. Acesso em: 4 fev. 2024.

VÁZQUEZ, K. E. Meandros tecnológicos. *In: REGINA, I. C. O éter inconsútil*. São Paulo: Patuá, 2019, pp. 7-14.